Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 1.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 745 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

IDENTIDADES E FAMÍLIAS
FIGURAS DO PSD CONTRARIAM "TRADIÇÃO" DEFENDIDA POR PASSOS COELHO

LIVRO Sociais-democratas Leonor Beleza, André Coelho Lima e Teresa Leal Coelho estão entre os autores de *Reflexões sobre a Liberdade-Identidades e Famílias*, que reúne textos sobre a "diversidade de projetos de vida". Coordenado pela ex-dirigente da IL Maria Castello Branco, pela bloquista Joana Mortágua e pela economista Susana Peralta, o livro aborda temas como o aborto, a eutanásia e a homossexualidade, que contrariam a tese da "consistência da tradição" que o antigo primeiro-ministro defendeu em abril.



PÁGS. 8-9

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA
"HÁ HISTÓRIAS DE SUCESSO EM TODAS AS ÁREAS. BASTA LEMBRAR QUE O GABINETE DE OBAMA TINHA TRÊS LUSO-AMERICANOS"

PÁGS. 4-6

Com meio século de vida nos EUA, o professor catedrático na Brown fala sobre a comunidade lusodescendente e o que liga Portugal e a América.

AMIN CHAAR / GLOBAL IMAGENS

Documentário
Os olhos de Luís Miguel Cintra a olhar o mundo

PÁGS. 22-23

Contrato
Indústria da madeira quer captar talento com novo CCT

PÁG. 19

HOJE GRÁTIS



Futebol
Sporting vence clássico com o Porto em Alvalade

PÁG. 20

Benfica despede Roger Schmidt

PÁG. 21

Prova de vida
Com Marco Paulo

PÁGS. 26-29

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT
ANA GARCIA MARTINS
A PIPOCA MAIS DOCE, BLOGUISTA
"A PANHONHICE ALHEIA CONSOME-ME MUITO O SISTEMA NERVOSO"

PÁG. 14

EDUCAÇÃO PAIS DESESPERAM POR VAGAS NAS CRECHES E NO PRÉ-ESCOLAR

PÁGS. 10-11



Editorial

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Montenegro, as tragédias e as águas turvas

Fazer-se fotografar de lancha em pleno cenário de uma tragédia foi o momento mais infeliz até agora de Luís Montenegro enquanto primeiro-ministro. A justificação que deu, segundo a qual pretendeu "verificar a magnitude da situação e estar pessoalmente com os mergulhadores", que nessa altura ainda estavam ocupados numa complexa missão de busca de militares da GNR que perderam a vida, mostra bons pensamentos (embora tirar fotografias e depois fazê-las chegar aos órgãos de comunicação social, pode levar a pensar em intenções menos nobres), mas revela inexperiência política a lidar com situações de elevada complexidade operacional, envolvendo várias forças de segurança e de proteção civil.

Também parece demonstrar que Montenegro está sozinho no que diz respeito a bons conselheiros nesta área. A própria tutela, ministra da Administração Interna, Margarida Blasco, secretário de Estado da Administração Interna, Telmo Correia, e o secretário de Estado da Proteção Civil, Paulo Simões Ribeiro, esteve em peso no local.

Se houvesse alguém informado, com memória, teria de ter lembrado a estas altas figuras do Estado que a sua presença era totalmente dispensável enquanto a operação estivesse em curso. Foi essa uma das conclusões da Comissão Técnica Independente que analisou a resposta aos incêndios de 2017. "A presença continuada de altas autoridades, que aguardam pelas suas explicações (…) perturba drasticamente as funções de comando e a capacidade de reflexão e de frieza que se tem de ter para tomar, em momentos sucessivos, as decisões mais adequadas", está escrito no relatório final.

Não foi por acaso que Marcelo Rebelo de Sousa foi discreto. Por estar numa visita próxima, limitou-se a passar brevemente pelo Posto de Comando, não se fazendo fotografar, nem com familiares desgostosos.

Não foi por acaso também que o presidente da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC) enviou para o terreno o seu comandante Nacional, um operacional útil naquele cenário. Duarte da Costa, que chegou à ANEPC no rescaldo dos fogos de 2017, leu, certamente, o relatório da CPI de uma ponta à outra.

Definitivamente, como costumam dizer os peritos nesta área, são "lições aprendidas" para Montenegro. Pelo menos deve saber ter humildade para aprender, porque só assim é possível alcançar o conhecimento.

Preocupante também que a inexperiência aqui demonstrada esteja a atingir igualmente áreas de soberania que estão sob a sua direta tutela.

Temos neste momento o Sistema de Segurança Interna (SSI) "a banhos", com um secretário-geral provisório (o ex-chefe de gabinete do anterior titular), porque Luís Montenegro não escolheu, nestes cinco meses de Governo, um sucessor para o embaixador Paulo Vizeu Pinheiro, mesmo depois de este ter sido obrigado a prolongar o seu mandato mais um mês, até ao passado dia 22 de agosto, atrasando a ida para o novo posto na NATO que devia ter assumido a 15 de julho.

Temos a dirigir o Sistema de Informações da República Portuguesa (SIRP) uma secretária-geral, a embaixadora Graça Mira Gomes, a quem Montenegro, ainda enquanto líder do maior partido da oposição, retirou a confiança e exigiu a demissão, na sequência da intervenção do Serviço de Informações de Segurança (SIS) na recuperação do computador que o ex-adjunto do ministro João Galamba tinha ilicitamente levado do gabinete.

Em nenhum dos casos foram dadas explicações válidas para o vazio. Em relação ao SSI, organismo que, por exemplo, no caso das buscas no Douro que envolveram várias entidades, teria um importante papel de coordenação e articulação, o silêncio só faz aumentar as especulações sobre quem será o senhor ou a senhora que se segue.

No que concerne ao SIRP, veio a explicação de que Mira Gomes se iria "reformar" em 2025 e que se manteria até esse momento. Ora, a reforma não é critério para manter um dirigente num cargo determinante e de absoluta confiança do primeiro-ministro, que abarca funções de controlo e de inspeção dos próprios serviços, com responsabilidade na sua eficiência e na garantia de que cumprem os limites legais.

São cargos demasiados importantes para que as escolhas não sejam totalmente transparentes nas justificações.

Noutro plano, apesar de não ser da tutela do primeiro-ministro é também por ele nomeado, está o diretor nacional da Polícia Judiciária. Luís Neves, terminou a sua comissão de serviço em junho e está em gestão, diminuído nos seus poderes.

O *Expresso* chegou a noticiar em julho que seria reconduzido, mas S. Bento limitou-se a dizer que a decisão não estava tomada, sem nenhuma explicação pública para o impasse.

Enquanto SSI e SIRP são estruturas de coordenação, a PJ é um um corpo superior de polícia hierarquizado. Se o Governo aparenta desinteresse e não mostra confiança no seu mais alto dirigente, o que dirão todos os que ali trabalham?

Pode ainda questionar-se sobre, se é notória a falta de transparência nestes três processos, como será com a escolha do novo procurador-Geral da República em outubro?

Dá a impressão de que Montenegro tem alguma dificuldade em lidar com estas áreas de soberania. Onde águas turvas podem ser muito perigosas.

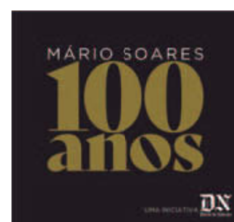
OS NÚMEROS DO DIA

115
JOGOS
O Benfica decidiu avançar para a demissão de Roger Schmidt, treinador que cumpriu 115 jogos no clube, com um título de campeão e uma Supertaça.

5
MORTOS
O corpo do militar da GNR que ainda estava desaparecido após o acidente de sexta-feira no Rio Douro foi encontrado na tarde de ontem, elevando para cinco o balanço oficial de mortos da queda do helicóptero de combate a incêndios.

7800
EUROS
A revenda de bilhetes para os concertos de regresso dos britânicos Oasis já atingiu 7800 dólares (7047€) em *sites* não-autorizados.

279
IDOSOS
As equipas da PSP dedicadas a detetar situações de risco entre a população com mais de 65 anos encontrou 279 idosos em situação de risco social no espaço de um mês, entre os quais casos médicos urgentes e suspeitas de vítimas de crimes.





1.9.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



Onésimo Teotónio Almeida

“Há histórias de sucesso em todas as áreas. Lembro que o gabinete de Obama tinha três luso-americanos”

ESTADOS UNIDOS Com meio século de vida nos EUA, Onésimo Teotónio Almeida, professor catedrático na Brown, autor de livros como *L'(USA)lândia,* fala sobre o que liga Portugal e a América, e como a nossa comunidade se integrou além-Atlântico, com algumas figuras a destacarem-se na política, nas forças armadas e até nos negócios. Fala ainda do que pode ser o futuro do país de adoção.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**



Há uns meses escrevi sobre o almirante Doug Verissimo, que comandava o porta-aviões *Theodore Roosevelt*. A família veio do Pico, das Flores e de São Miguel para Falmouth no virar do século XIX para o XX, via New London e New Bedford. Um caso de sucesso destes de um lusodescendente nos EUA é surpreendente?

De modo nenhum. Quem segue a imprensa luso-americana está sempre a encontrar histórias de sucesso em todas as áreas. Basta lembrar que o gabinete de Obama tinha três luso-americanos: o secretário de Estado da Energia, Prof. Ernest Moniz, neto de emigrantes micaelenses de Fall River e professor de Física no MIT; o fotógrafo Pete Sousa, de New Bedford, também neto de emigrantes açorianos; e David Simas, que foi diretor de Assuntos Políticos na Casa Branca e depois CEO da Fundação President Obama, filho de um casal emigrante, pai açoriano e mãe alentejana. Mas não se trata de modo nenhum de casos isolados. Recordo outro exemplo: Craig Mello, prémio Nobel de Medicina, descendente de açorianos da Maia, São Miguel. Hoje já pouca gente se lembra de uma grande figura da música, John Rapozo, compositor do famoso programa de televisão *Sesame Street*. Dessa mesma altura temos o cardeal Humberto Medeiros, arcebispo de Boston, que nem sequer era lusodescendente pois era mesmo emigrante – emigrou de São Miguel para Fall River com 15 anos. Mais para trás, temos o escritor John Dos Passos, um dos mais celebrados romancistas americanos da primeira metade do século XX, filho de pai madeirense. E John Philip Sousa, o celebrado autor das famosas marchas militares – que em Portugal eram conhecidas como “marchas desportivas”, pois antecediam os relatos de futebol na Emissora Nacional – também tinha uma costela portuguesa. Mas estes são apenas alguns nomes.

A integração bem conseguida acaba por apagar a relação com Portugal ao fim de duas ou três gerações ou o apego às origens mantém-se?

> *“Volta e meia alguém descobre que uma pessoa famosa com um nome anglo era afinal de origem portuguesa. Estou a lembrar-me por exemplo de William Wood, talvez o mais importante industrial têxtil americano do início do século XX, que era português (da ilha do Pico).”*

Antigamente era diferente. Muitas vezes nem sequer restava o nome. Machado deu Marshall: Pereira, Perry; Ferreira, Smith; Silveira, Green… E por aí fora. Volta e meia alguém descobre que uma pessoa famosa com um nome anglo era afinal de origem portuguesa. Estou a lembrar-me por exemplo de William Wood, talvez o mais importante industrial têxtil americano do início do século XX, que era português (da ilha do Pico, Açores), embora até hoje ninguém saiba explicar de onde lhe adveio o nome Wood. Agora é diferente. Os EUA mudaram imenso em termos de aceitação dos grupos étnicos não-anglos e isso reflete-se no modo como as culturas hifenizadas, incluindo a luso-americana, fazem presentemente gala das suas raízes e procuram (inventam, por vezes) maneira de se ligarem ou religarem ao país de origem, ou pelo menos a determinados aspetos da sua cultura, mesmo que já tenham perdido a língua.

A maioria dos americanos de origem portuguesa é dos Açores. Virem de ilhas a meio caminho entre a Europa e a América é a explicação?

Sim, é um facto. Não precisamente por estarem no meio do Atlântico, mas por os barcos da baleação americana terem sido forçados às mesmas correntes marítimas que obrigavam os portugueses nas rotas da Índia e do Brasil a parar nos Açores. Essas rotas que levaram os portugueses a povoar os Açores levaram também lá os barcos da baleação americana. Os açorianos aproveitaram a boleia desses barcos necessitados de tripulação a sair dos Açores porque a vida no arquipélago se tornara muito dura e sem futuro.

João Rodrigues Cabrilho, Pedro Francisco, o brinde à independência em 1776 com vinho Madeira, a amizade do abade Correia da Serra com Thomas Jefferson. Estamos a falar de figuras e episódios curiosos ou ajudam a cimentar a relação dos luso-americanos com os EUA?

Ajudam. Cabrilho e Peter Francisco têm servido de poderosos elementos de construção da identidade luso-americana. Ambos têm também constituído pomos de discórdia. No caso de Cabrilho, a comunidade hispânica reclama-o espanhol. E confesso que até há pouco eu lhe reconhecia alguma razão. Alterei recentemente a minha opinião graças às aprofundadas e rigorosas pesquisas do Prof. Paulo Afonso, do American River College, Califórnia, que descobriu novos documentos. Ele é a força motriz de um colóquio que terá lugar na San Diego State University no final de setembro, quando a sua pesquisa será debatida entre pares internacionais. Não poderei dizer o mesmo de Peter Francisco. É uma história longa sobre a qual já escrevi contando como o micaelense Edmund Diniz, relevante figura na vida política dos EUA nos anos 60-70 (foi Provedor da Justiça no caso da morte da secretária de Ted Kennedy), resolveu declarar que Peter Francisco era português, tendo desenrolado um engenhoso processo de argumentação nesse sentido. Pode bem ter sido de facto português, mas até hoje não conheço provas convincentes.

Chegou aos EUA há mais


AMIN CHAAR / GLOBAL IMAGENS

académicos de qualidade tornados figuras importantes da cultura portuguesa no mundo anglófono. A situação melhorou significativamente nas últimas décadas. Hoje há universidades com muito ativos núcleos de Estudos Portugueses (apenas dois são departamentos), várias revistas académicas dedicadas ao mundo lusófono e até editoras dedicadas a edições de obras portuguesas em inglês. Mas há também uma bem maior recetividade das editoras *mainstream* a obras sobre temas portugueses, bem como à tradução de livros de autores portugueses. Não poderemos dizer que atingimos a força dos Estudos Hispânicos, porque a comunidade de língua espanhola conta com mais de 60 milhões, enquanto nós não passamos de um milhão e pouco. Mas têm sido notáveis os avanços. Na Brown, nas últimas décadas produzimos cerca de meia centena de doutorados que hoje lecionam em universidades de todos os níveis, vários deles sendo figuras muito respeitadas no meio cultural norte-americano.

Os americanos em geral conhecem o quê de Portugal? Sabem dos Descobrimentos?
Sabem muito pouco. Mantêm a ideia criada pelo romancista inglês Washington Irving de que foi por os portugueses pensarem que a terra era plana que D. João II não apoiou a proposta de Colombo para chegar à Índia pelo Oeste. Mas esse mito permanece no mundo inteiro. Atualmente nas universidades pouca gente quer saber dos Descobrimentos, muito embora continuem a existir investigadores sérios a pesquisar e a trabalhar contra-corrente. Por mim, deliciei-me a lecionar anualmente um curso sobre a origem da modernidade em que os alunos liam os escritos portugueses relacionados com os Descobrimentos (em tradução inglesa) juntamente com os da mesma altura publicados na Europa ocidental e era um gosto vê-los constatar que Portugal desempenhou um papel pioneiro na mudança do paradigma teórico tradicional para um olhar empírico sobre o mundo. Nunca procurei impingir-lhes nada; eles liam os documentos – e liam mesmo! – e ficavam fascinados com o que eles próprios descobriam.

"Quem segue a imprensa luso-americana está sempre a encontrar histórias de sucesso em todas as áreas. Basta lembrar que o gabinete de Obama tinha três luso-americanos."

de meio século, ainda antes de a democracia chegar a Portugal. Como viu a evolução da imagem de Portugal entre os americanos?
Durante décadas manteve-se inalterável: basicamente inexistente. Pouca gente sabia onde Portugal ficava. Devo acrescentar que também é muito vulgar os americanos não saberem onde fica a Áustria, a Hungria, o Nepal ou a Patagónia. Por razões que não dá para explicar aqui, a disciplina de Geografia desapareceu há muito dos currículos escolares. Muito poucas universidades têm departamentos dedicados a essa disciplina. As Ciências Sociais supostamente deveriam tomar conta da área, mas no fundo desprezam-na. As consequências têm sido o que se sabe. Portanto, não era apenas sobre Portugal que recaía a ignorância. Todavia na última década a situação alterou-se imenso. Não quer dizer que a generalidade dos americanos já saiba que Portugal existe e onde fica, mas são muitos e altamente favoráveis os artigos e reportagens que sobre o nosso país têm surgido nos *media* americanos. Hoje Portugal é frequentemente referido como um lugar que vale a pena visitar e onde muitos pensam que vale a pena viver. Daí a acreditar-se que toda a América pensa assim vai uma enorme distância. Todavia a mudança tem sido significativa. Basta ver como resultado o aumento de turistas americanos em Portugal, inclusive nos Açores.

Que papel tem a Brown e outras universidades com centros de Estudos Portugueses na promoção da cultura portuguesa na América? Há autores portugueses a serem lidos?
Terei de colocar a minha resposta em contexto: há cerca de 3500 estabelecimentos de ensino superior nos EUA. Apenas um pequeno número inclui Estudos Portugueses e Brasileiros. Nesses núcleos, predomina o interesse pelo Brasil. Aliás, hoje até na Europa é assim. No entanto, desde há muito existem pequenas células dedicadas a Estudos Portugueses que têm produzido

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

Quando viaja a Portugal o que sente ser a visão que temos da América? Um destino de emigração, um aliado sólido, um país que admiramos pela pujança económica, científica e cultural?
Ao longo dos meus cinquenta e tantos anos de América, essa visão não foi sempre a mesma. No início da década de 70 havia muita curiosidade da parte das pessoas em geral, mas muito desinteresse da parte dos chamados intelectuais. Depois do 25 de Abril, Portugal virou largamente esquerdista e anti-americano. A geração seguinte começou a distanciar-se do marxismo, a interessar-se pela cultura americana e a ignorar a cultura francesa até então dominante em Portugal. De há um quarto de século para cá, o interesse pela cultura americana cresceu exponencialmente (em particular, música, cinema, literatura, mas também indumentária e, infelizmente, até a *fast-food* (para ficarmos apenas por aí). A nova geração universitária começou a voltar-se para o que era produzido nos EUA. Ainda hoje é assim com as novas modas académicas oriundas dos EUA. A atitude pró-América atingiu, creio eu, o seu máximo no período Obama. Algo mudou depois da eleição de Trump e muito anti-americanismo voltou à superfície. Compreensivelmente no que a Trump diz respeito, mas por vezes confundindo-se questões por desconhecimento do modo de estar americano e das estruturas de fundo dessa cultura.
Há vários congressistas de origem portuguesa, como Jim Costa. A comunidade tem interesse na política?
Sim e não. As comunidades emigrantes, na sua grande maioria saídas de Portugal antes do 25 de Abril, eram alheias à política. Os seus descendentes foram-se integrando aos poucos e hoje vão adquirindo uma boa presença política a nível nacional. As comunidades da Califórnia têm conseguido ir mais longe do que as da Costa Leste. Conseguiram em tempos eleger o congressista Tony Coelho, que foi líder do Partido Democrata e que, se não fosse o seu problema de saúde, bem poderia ter sido presidente dos EUA. Na Califórnia há vários congressistas portugueses (chegaram a ser cinco). Na Costa Leste, a participação política portuguesa tem sido forte a nível estadual nos estados de Massachusetts e Rhode Island. Em Rhode Island, já foi até considerável, com portugueses a presidirem ao Senado e ao Comité de Finanças, o mais poderoso dos comités. O voto português continua a ser importante particularmente em Rhode Island, mas também no Sudeste do Massachusetts. Como nos EUA a ideia de que todo o poder é local não constitui apenas um *slogan*, as comunidades desses estados têm sabido chegar a Washington quando necessário. Mas devo acrescentar que em Portugal isso não é entendido, por mais que se tente explicar.
Como se dividem os portugueses entre os dois grandes partidos americanos? Há diferença entre a comunidade que vive na Nova Inglaterra e a que está na Califórnia?
Os portugueses em geral eram automaticamente democratas por serem católicos. Os WASP (*White Anglo-Saxon Protestants*) estavam do outro lado da barricada e os PIGS (*Polish, Irish, Greeks and Slavics*; depois, décadas mais tarde, *Portuguese, Italians, Greeks and Spanish*), sendo católicos, ou não-protestantes, situavam-se no campo político oposto. Hoje o cenário mudou. A igreja católica americana virou muito conservadora, pelo menos um importante setor dela. O aborto, sobretudo, tem sido um fator fraturante. Ao mesmo tempo, a ascensão económica dos emigrantes portugueses tem levado muitos para o outro lado da balança.
Como olha pessoalmente para as Presidenciais americanas de 5 de novembro? O resultado vai definir o futuro dos EUA?
Tenho escrito bastante sobre isso. Não quero ser alarmista mas nunca em 52 anos dos EUA presenciei nada semelhante ao que se está a passar. Nem a Constituição nem a *praxis* política americana haviam previsto o aparecimento de um energúmeno como Trump, que incarna a antítese de todos os valores que a América sempre apregoou. Ele consegue puxar até ao extremo os cordelinhos da legalidade do sistema para cometer todas as ilegalidades possíveis e ainda assim obter o apoio de cerca de metade do eleitorado. A situação é para mim incompreensível e, por mais que sobre ela leia, não consigo entendê-la. Há algo de visceral nos seres humanos que os leva a agir de modo não-racional (isto de um lado e do outro do espetro político). Qualquer tentativa de compreensão racional do fenómeno perde algo de essencial. Pelo menos a mim transcende-me.
Qual é para si o grande legado dos EUA ao mundo?
Era o da institucionalização de um sistema político que lidava bem com a animalidade humana regulando os seus eventuais abusos. Tinha falhas, é certo, mas a legislação e o sancionamento estatal conseguiam debelar crises e manter a ordem e o funcionamento democrático das instituições. Hoje não tenho a certeza se isso vai continuar a ser possível. Nunca, em mais de dois séculos e meio de história, nenhuma eleição chegou como esta tão perto de por à prova um sistema tão profundamente estruturado que parecia inabalável.
Há um romance ou um filme que seja uma grande lição do que são os EUA? Pode sugerir títulos?
Todos os filmes e livros americanos acabam de uma forma ou de outra contribuindo para se conhecer o país. Uns mais ou melhor e outros menos ou pior. Circula na Internet uma frase minha de há décadas: Tudo o que de positivo e negativo se diz sobre os EUA é verdade. E, se ainda não foi, vai ser.
Nestes seus 52 anos nos EUA o que sente em si que é fruto da experiência americana?
Muito do que sou hoje aprendi nos EUA. Há trinta anos pediram-me em Portugal para numa conferência responder a essa sua pergunta e fi-lo com a maior das honestidades. Apanhei tão valentes bordoadas de um certo público que acabei nunca publicando esse texto por não ter vocação para masoquista. Se essas 30 páginas, onde com sinceridade e genuína honestidade me explicava em pormenor, provocaram uma reação tão negativa, imagine que agora lhe respondia à mesma questão em apenas meia dúzia de frases. Os nacionalismos são sérios e profundamente suscetíveis. Muitos dos que se atiram contra as *fake news* não se apercebem de que há verdades que por vezes doem e há que aceitá-las.
Uma última pergunta, muito pessoal: como foi aquela sua última aula em maio na Brown?
Nos EUA não há a tradição da última lição. Por acaso, num curso interdisciplinar para finalistas de licenciatura (4.º ano) que lecionei durante 42 anos, eu fazia sempre uma "palestra final" integrada num programa que tinha a sua estrutura e lógica próprias. Ao terminar este ano o curso que lecionava pela última vez, fiz essa anual intervenção. Vários antigos alunos, amigos, e até os meus filhos, quiseram estar presentes. Seria necessária uma longa contextualização desse curso, e dessa última lição, para bem clarificar o propósito da referida palestra. No caso presente, bastará acrescentar que o curso tem a ver com a busca de uma ética para a modernidade, tema sobre o qual tenho escrito muito. Espero ainda ter ocasião de reunir em volume alguns textos meus sobre o assunto. A encerrar o volume, incluirei essa lição que é uma espécie de declaração de crenças e valores pessoais. Resumi-la aqui seria ridículo. No meu tempo de estudante em Portugal dizíamos que resumo de resumo dá chumbo. Hoje nem sequer há chumbos e nem o termo parece existir mais. Todavia continuo a ser contra os resumos excessivos.



"A atitude pró-América atingiu, creio eu, o seu máximo no período Obama. Algo mudou depois da eleição de Trump e muito anti-americanismo voltou à superfície."

O que Costa e Maria Luís defendem para uma Europa com "maior autonomia"

EUROPA António Costa avisa os empresários portugueses: o próximo "choque de competitividade" vai obrigar à "convergência salarial" com a UE. Maria Luís Albuquerque defende a necessidade de um "mercado de capitais europeu".

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

Temos de fazer isto porque Bruxelas nos obriga é uma retórica falsa, porque não obriga a coisa nenhuma (...). De cada vez que um ministro apanha um voo para Bruxelas está a decidir em nosso nome".

António Costa
Próximo presidente do Conselho Europeu


PAULO SPRANGER/ GLOBAL IMAGENS

"Qual reconciliar? António Costa é um dos maiores do PS, foi primeiro-ministro e fui membro do seu Governo durante sete anos, trabalhei com ele sete anos, estive com ele desde o início na formação da solução de Governo muito importante para o país em 2015 [a *geringonça*], e portanto vamos recebê-lo na nossa *Academia Socialista* com muita saudade de o ter connosco, de ouvi-lo sobre a Europa e sobre o mundo, sobre aquilo que ele entender partilhar connosco e com os jovens socialistas."

Do resumo de Pedro Nuno Santos, a 15 de agosto, ao anunciar o nome de António Costa, ficou de fora a demissão que pediu a 29 de dezembro de 2022 por causa do caso da indemnização concedida à ex-administradora da TAP, que tinha sido recentemente nomeada secretária de Estado do Tesouro, e do polémico anúncio sobre a localização do novo aeroporto de Lisboa que surpreendeu o então primeiro-ministro, que não fora avisado.

Esta terceira edição da *Academia Socialista* que terá "como objetivo preparar as próximas Eleições Autárquicas" e que é a primeira *rentrée* de Pedro Nuno Santos enquanto líder do partido, tem sido marcada pelo aparente extremar de posições, por parte do PS, sobre a aprovação ou não do OE2025 – a ameaça repetida de não viabilizar um Orçamento se não houver um "mínimo de diálogo e o mínimo de negociação" – e pela entrada no discurso político de um tema fraturante anunciado pela líder parlamentar do partido: o alargamento do "prazo para a despenalização da IVG a pedido da mulher" [para 12 ou 14 semanas] e a regulamentação da "objeção de consciência" dos profissionais de saúde – o Governo e o PSD há dois dias que mantêm o silêncio sobre a proposta socialista.

Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP, que sublinhou o facto de ainda não ter sido dado a conhecer qualquer detalhe sobre o conteúdo do Orçamento do Estado para 2025, tirou já uma conclusão: "Uns saem, outros entram, outros enchem o peito, outros mandam cartas, outros escrevem respostas, outros dizem que vão sair de coisas onde nunca estiveram... É uma novela. E pronto, nós entretemo-nos com a novela".

O anunciado "momento alto" de ontem à noite, ao jantar, o discurso do em breve presidente do Conselho Europeu António Costa, resultou, na primeira parte, numa aula sobre a Europa, "uma marca identitária" do PS, e em elogios aos Governos de Soares, Guterres, Sócrates e à eleição, em 2017, de Mário Centeno – nome apontado como candidato do PS às Presidenciais – como presidente do Eurogrupo.

António Costa, para quem a "Europa é um fator de progresso", e que falou dos vários e novos desafios europeus – do alargamento à guerra na Ucrânia, avisou os empresários portugueses que o próximo "choque de competitividade" vai obrigar à "convergência salarial" com a UE. Outro aviso: "Precisamos de uma política comercial, de uma política industrial" na Europa, de ter "maior autonomia", porque nos "deixámos atrasar" em relação "à China e aos Estados Unidos". E sobre política nacional? "Eu agora só ouço".

No PSD, na *Universidade de Verão* que já vai na 21ª edição, para além da indignação de Hugo Soares, líder parlamentar, por causa das comparações entre Costa e Montenegro – "Já ouvi até dizer que o Luís Montenegro até é muito parecido com António Costa e o PSD com o PS que governou nos últimos oito anos" –, a narrativa tem assentado na ideia de um "Governo que veio para transformar (...) que veio para resolver o problema da vida das pessoas" e, por força dos prazos europeus, na defesa da escolha anunciada há cinco dias, e contestada pela esquerda, de Maria Luís Albuquerque para comissária portuguesa.

Marques Mendes, um dos convidados, até aproveitou o momento público da *Universidade de Verão*, fora do espaço de comentário televisivo, para reafirmar uma eventual candidatura presidencial, prometendo falar "daqui a uns meses, seja para avançar ou não".

A expectativa criada estava no "convidado-surpresa", Maria Luís Albuquerque, comissária europeia no próximo mandato (2024-2029), que, à semelhança de Costa, também elencou os "desafios da Europa". A social-democrata centrou-se na "competitividade", no "envelhecimento da população", na necessidade de um "mercado de capitais europeu", no pilar essencial "da união económica europeia" e, sublinhou, na habitação que deve ser uma prioridade. Em síntese: "Ainda há muito que fazer na União Económica e Monetária."

Sobre as migrações, a futura comissária defende que a Europa deve acolher, mas sem que "os valores europeus com a liberdade e a dignidade humana" sejam colocados em causa.

"Ainda há muito que fazer na União Económica e Monetária (...). A Europa precisa de um verdadeiro mercado de capitais".

Maria Luís Albuquerque
Próxima comissária europeia


GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

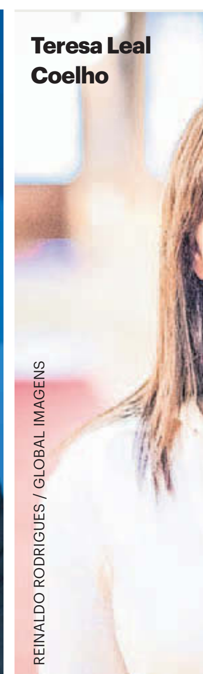
Figuras do PSD em livro que reage ao apresentado por Passos Coelho

IDEIAS Leonor Beleza, André Coelho Lima e Teresa Leal Coelho estão entre os autores de *Reflexões sobre a Liberdade*, que reúne textos sobre "diversidade de projetos de vida". Deputada bloquista Joana Mortágua é uma das suas coordenadoras.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

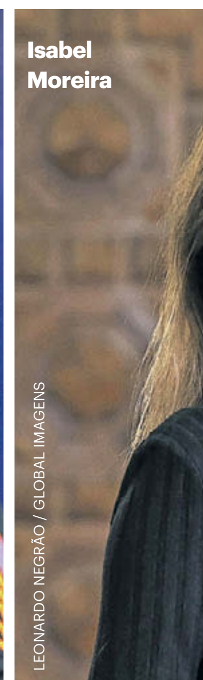

Leonor Beleza
GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS


André Coelho Lima
CARLOS PIMENTEL / GLOBAL IMAGENS


Teresa Leal Coelho
REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS


Joana Mortágua
LÍBIA FLORENTINO / GLOBAL IMAGENS


Francisca van Dunem
PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS


Isabel Moreira
LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Os sociais-democratas André Coelho Lima, Leonor Beleza e Teresa Leal Coelho estão entre as mais de duas dezenas de autores de *Reflexões sobre a Liberdade – Identidades e Famílias*, livro que aborda temas como o aborto, a eutanásia e a homossexualidade, e nasce do "entusiasmo por enriquecer o debate em torno das famílias e das identidades neste Portugal do século XXI, que celebra 50 anos em democracia". E serve de contraponto a *Identidade e Família – Entre a Consistência da Tradição e as Exigências da Modernidade*, que juntou visões conservadoras sobre os mesmos temas, foi apresentado, em abril, pelo antigo primeiro-ministro (e ex-presidente do PSD) Pedro Passos Coelho.

A deputada bloquista Joana Mortágua, a comentadora e ex-dirigente liberal Maria Castello Branco e a economista Susana Peralta, coordenadoras do livro, que será apresentado na quarta-feira, na Livraria Buchholz, em Lisboa – local onde Passos Coelho falou sobre o outro livro, igualmente editado pela Oficina do Livro, do Grupo Leya –, admitem que o entusiasmo foi suscitado pelo livro *Identidade e Família*, coordenado por Bagão Félix, Victor Gil, Pedro Afonso e Paulo Otero. Embora ressalvem que "o nosso objetivo não foi responder-lhe, e muito menos atacá-lo".

As coordenadoras de *Reflexões sobre a Liberdade – Identidades e Famílias*, que também convidaram a escrever a ex-candidata à liderança da Iniciativa Liberal Carla Castro, a antiga ministra da Justiça Francisca Van Dunem, a deputada socialista Isabel Moreira e a ex-deputada do Bloco de Esquerda Fabíola Cardoso, defendem que se inscrevem "numa saudável dialética de acolhimento da diversidade de projetos de vida numa democracia liberal e da centralidade de tal desígnio na construção de uma melhor democracia". E, realçando que as figuras reunidas no livro "não esgotam o mapeamento do progressismo, nem resultam de outra seleção que não a tentativa de reunir pessoas com origens e percursos diversos", garantem que "não nos motivam as querelas político-partidárias, mas interessa-nos demonstrar que, da esquerda à direita, é vasto o espetro político que partilha como referencial o respeito pelos Direitos Humanos".

E é com uma citação do fundador do PSD (então PPD), Francisco Sá Carneiro, que arranca o primeiro texto, sobre eutanásia.

Até há pouco tempo vice-presidente social-democrata, André Coelho Lima, que se viu excluído das listas de deputados da Aliança Democrática, escreve que da "curta vida parlamentar" guarda uma "sensação de dever cumprido" por ter contribuído para aprovar a despenalização da morte medicamente assistida. "Não desconheço que não é fácil defender esta posição junto do eleitorado que tradicionalmente vota PSD", admite, socorrendo-se novamente de Sá Carneiro, "um homem que tantos idolatram, mas cujo pensamento tão poucos verdadeiramente conhecem", noutra citação: "Ser liberal significa hoje para mim crer que jamais os direitos da pessoa humana podem ser subordinados aos da sociedade."

À experiência pessoal com Sá Carneiro recorre Leonor Beleza, no texto "A Liberdade das Mulheres", com a conselheira de Estado e presidente da Fundação Champalimaud – elevada a potencial candidata a Belém pelo líder parlamentar do PSD, Hugo Soares – a recordar o convite do fundador do partido para falar sobre discriminação no primeiro comício em Lisboa do então PPD. A autora, que ao longo de 75 anos de vida aprendeu que "temos de cultivar as coisas importantes se não queremos correr o risco de as perder", recorda o seu percurso na política e na sociedade, com aquilo que fez ou testemunhou, para concluir que, "por muito que nos possamos queixar, não há comparação entre a relevância pública dos nossos direitos hoje e na altura em que nasci".

Por seu lado, a antiga deputada Teresa Leal Coelho, que já foi candidata do PSD à Câmara de Lisboa, defende que "a diversidade é uma riqueza e não uma ameaça", num texto sobre "constitucionalismo cosmopolita", pelo que "as políticas públicas que não reconheçam a diversidade como recurso e que desprezem o mérito de políticas e de medidas de inclusão, além de atentarem contra os Direitos Humanos, fomentam o desperdício de ativos de desenvolvimento humano, económico e social e de inovação, e potenciam a fragmentação da sociedade".

Com Carla Castro a escrever sobre desigualdade de género no mundo do trabalho, mas também na sociedade – "O Estado continua a ter uma visão assistencialista da mulher", diz a antiga deputada, que realça a diminuição do número de eleitas para a Assembleia da República nas últimas três legisla-





Carla Castro

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS





Susana Peralta

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

turas – e Francisca Van Dunem a recordar o "país racialmente monolítico" que encontrou ao trocar Luanda por Lisboa, em 1973, observando que "hoje os comboios suburbanos e os navios que cruzam o Tejo no início de cada dia estão também plenos de mulheres e raparigas negras que correm para o trabalho", as respostas mais duras ao livro apresentado por Passos Coelho cabem a autores posicionados mais à esquerda.

Famílias-*puzzle* e coelhos *gay*

No seu texto em *Reflexões sobre a Liberdade*, o comentador e ex-dirigente bloquista Daniel Oliveira refere que na introdução de *Identidade e Família*, livro que "juntou a nata do ultraconservadorismo nacional", se pode ler que "há quem, 'à luz do dia' ou 'de um modo mais subtil e larvar' quer dissolver a família". Defendendo que no passado se ouviu o mesmo acerca do divórcio que hoje se ouve sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, Oliveira considera que "todo este espaço de liberdade pôs em causa a família patriarcal". E, sendo "cada vez mais habituais famílias-*puzzle*, em que se acumulam afetos e até novos parentescos", diz-se incomodado com a "totalitária arrogância" de quem "chega ao ponto de querer decidir que família deve o Estado promover".



REFLEXÕES SOBRE A LIBERDADE
Oficina do Livro
Coordenação de Joana Mortágua, Maria Castello Branco e Susana Peralta.
224 páginas

Por seu lado, Joana Mortágua, além de coordenar o livro que será lançado na quarta-feira, recorre ao caso dos pais que proibiram os filhos de frequentar as aulas de Cidadania e Desenvolvimento, o que resultou na retenção de ano por faltas, para escrever que tal "seria apenas um triste episódio", não fosse um conjunto de 100 personalidades, entre as quais Passos Coelho, "querer dar dignidade de debate político ao acontecido". A bloquista refuta a "conclusão esdrúxula de que existe um direito dos pais a privar os filhos da frequência de uma disciplina que visa cumprir e promover os valores da cidadania".

No texto "O Direito à Autodeterminação da Nossa Morte – Um Caminho sem Paralelo", a socialista Isabel Moreira manifesta-se contra as tentativas de referendar o final da vida das pessoas, congratula-se por a Assembleia da República ter aprovado a morte medicamente assistida e partilha a opinião de que Marcelo Rebelo de Sousa "sobrepôs as suas convicções religiosas ao seu papel institucional de guardião da lei fundamental".

Num livro que tem contributos das outras duas coordenadoras, da apresentadora Catarina Furtado, da jornalista (e colunista do DN) Catarina Marques Rodrigues, da grande repórter do DN Fernanda Câncio (que assina com a mãe, Maria Fernanda Câncio), bem como de Henrique França, Hilda de Paulo, João Maria Jonet, Leonor Caldeira, Pedro Strecht e de Teresa Violante – a constitucionalista escreve que a forma como profissionais de saúde "recusam prestar serviços de aborto, de acordo com juízos morais ou éticos, viola a dignidade das pessoas grávidas" –, a antiga deputada bloquista Fabíola Cardoso antevê, no futuro próximo, uma sociedade que valorize a diversidade familiar: "Teremos filmes no Natal sobre o coelhinho que perdeu a família num incêndio de eucaliptal monointensivo e foi adotado por dois coelhos machos, que sempre sonharam imitar os pinguins *gay* do Oceanário de Lisboa, que cuidam dos ovos abandonados por outros casais!"



Opinião
José Mendes

OE e veículos: incentivos congelados, metas comprometidas

As emissões de gases com efeito de estufa são, todos sabemos, o motor do aquecimento global e das alterações climáticas. As metas de redução estão aí, impostas – e bem – por diretivas, leis e regulamentos, mas ao nível dos incentivos para a transição os Governos aparentam alguma inércia. O caso da mobilidade é bem patente e, em Portugal, fica a ideia de que estamos em banho-maria, com importantes medidas congeladas.

Em plena preparação do Orçamento do Estado para 2025, seria importante não andar para trás e, sobretudo, não cometer os erros a que assistimos este ano. Refiro-me à novela dos apoios à aquisição de veículos de emissões baixas ou nulas e ao incentivo ao abate de veículos ligeiros.

O Relatório do OE de 2024, apresentado pelo PS, previa o incentivo ao abate, fazendo mesmo a respetiva quantificação, mas não o concretizava no articulado da proposta de lei.

O PSD, concordando com a medida, chegou a apresentar uma proposta de aditamento à lei do OE que definia os termos da operacionalização do incentivo.

Quanto ao apoio à aquisição de veículos elétricos, o Fundo Ambiental emitiu dois comunicados já este ano: um primeiro a informar que o mesmo seria definido pelo novo Governo (do PSD); e um segundo, posterior, a informar que a dotação para o apoio não tinha sido inscrita no despacho do orçamento do Fundo, da autoria do Governo anterior (do PS).

Perante esta bizarria, em que ambos os Governos defendiam as medidas, mas nenhum foi capaz de as implementar, o que acontece é que os portugueses não dispõem de qualquer apoio. O resultado é óbvio: frotas mais velhas e mais poluentes, emissões a crescer.

Há ainda um efeito escondido. A rácio de matrículas de veículos ligeiros importados por matrículas de veículos novos não para de crescer, tendo passado de 35% em 2019 para 56% em 2023. Em Espanha é de 10%. Ou seja, na ausência de apoios para adquirir veículos novos descarbonizados, abatendo os velhos, os portugueses viram-se para os usados. Corremos, assim, o risco de ser o caixote do lixo da Europa e continuar a comprometer as nossas metas climáticas.

O setor da mobilidade é aquele que maior dificuldade tem apresentado na redução de emissões de CO_2. É uma espécie de elefante na sala. A aposta no transporte público é uma prioridade a que este Governo tem dado sequência, embora saibamos que o caminho é ainda muito longo e reclame investimento em todo o país. Mas o desafio da descarbonização da frota de veículos ligeiros não poderá jamais ser desconsiderado, sobretudo num país em que a mesma é antiga e poluente.

A efetivação do incentivo ao abate e a continuidade e reforço dos apoios à eletrificação é um imperativo que não pode ser esquecido na preparação do Orçamento do Estado.

Professor catedrático

Pais desesperam por vagas nas creches e no pré-escolar

EDUCAÇÃO Com o ano letivo prestes a começar, ainda há famílias à espera de saber onde vão inscrever os filhos. Confederação Nacional das Associações de Pais (Confap) já recebeu centenas de pedidos de ajuda.



PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Filipa Pereira inscreveu a filha, de 4 anos, em sete estabelecimentos para frequentar o Ensino Pré-escolar. Uma busca iniciada em março, mas ainda sem fim à vista. A jovem mãe é doente oncológica, a realizar tratamentos constantes e desespera por uma solução porque não pode levar a filha para o hospital, onde realiza tratamentos com longas horas de duração. "Estou em tratamento oncológico e preciso de a ter em algum infantário. Só de fisioterapia tenho seis meses, fora radioterapia e imunoterapia", explica.

A criança beneficiou da Creche Feliz (uma medida do Governo que garante creche gratuita para crianças até aos 3 anos). Contudo, por ter 4 anos, a menina teria de frequentar agora o pré-escolar, algo que iria fazer no estabelecimento onde esteve desde bebé, no Montijo. Contudo, conta Filipa Pereira, "a escola decidiu acabar com o pré-escolar e ter apenas a Creche Feliz", tendo avisado os pais em fevereiro. Desde então, a jovem bateu a várias portas, enviou dezenas de *e-mails*, contactou e apresentou reclamação na Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE). A situação não se alterou, levando a mãe ao desespero. "Estou sujeita a ter de parar os tratamentos porque não tenho quem fique com a minha filha", lamenta a jovem.

Quem também esperou e não teve resposta positiva foi Catarina Costa, mãe de um menino de 2 anos e meio. Por falta de vagas na creche, no Porto, a progenitora ficou com o filho em casa no primeiro ano e, perante a falta de lugares, teve de recorrer ao apoio dos avós para tomarem conta do menino.

Este ano, voltou a "tentar a sorte", mas continua em lista de espera e sem vagas nas creches mais próximas da sua área de residência. "A solução era recorrer ao privado, mas até aí não havia vagas perto de casa. Somando a distância das creches com lugares disponíveis ao valor da mensalidade, desisti da ideia e vou tentar de novo no próximo ano, já que o meu filho já terá 3 anos e deverá conseguir, finalmente, lugar numa escola pública", conta.

Recorde-se que, no início deste mês, o Ministério da Educação – em conjunto com o Ministério do Trabalho e da Segurança Social – garantiu que as crianças que beneficiaram do programa Creche Feliz e que completaram ou completem 3 anos em 2024 iriam prosseguir o seu percurso na Educação Pré-escolar. E, se necessário, essa resposta seria dada através do setor privado.

"Quando não for possível assegurar a transição, as crianças vão poder excecionalmente continuar a frequentar a creche. Caso não haja resposta na rede pública ou no setor social e solidário da freguesia onde se situa o estabelecimento de ensino, a transição para a Educação Pré-escolar no setor privado será considerada como uma solução subsidiária. Se não for possível garantir essa continuidade, será assegurada, excecionalmente, a permanência das crianças abrangidas pelo programa Creche Feliz (*ver caixa*) que completem 3 anos entre 16 de setembro e 31 de dezembro, preferencialmente no mesmo estabelecimento onde já frequentavam a creche", esclareceu o ME em comunicado.

Segundo os últimos dados oficiais divulgados pelo Governo, mais de 20 mil crianças, entre os 3 e os 5 anos, ainda aguardam colocação no Sistema de Educação Pré-escolar.

> Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas, adianta estar nos grandes centros urbanos a situação mais complexa e, também, no aumento do número de crianças.

Contudo, até à data, o setor privado diz não ter qualquer informação sobre a medida e os procedimentos a implementar. "Tivemos uma conversa após a tomada de posse do Governo, mas até ao momento não sabemos de absolutamente mais nada", garantiu ao DN, Rodrigo Queiroz e Melo, diretor executivo da Associação dos Estabelecimentos do Ensino Particular e Cooperativo (AEEP).

O responsável lamenta que, a acontecer, de facto, o que foi avançado pelo Executivo, se trate de uma medida apenas aplicada se não houver vagas no setor público e não para to-



das as famílias. "Nós rejeitamos que o privado seja um deus menor. É uma medida instável, porque os nossos associados têm todos os ciclos. Quando as crianças terminarem o pré-escolar ao abrigo do apoio do Governo e ingressarem no 1º ciclo vão-se embora? Isso obrigaria os privados a ter mais salas de pré-escolar ou a deixar de fora alunos que pretendem continuar na mesma escola", explica.

Por outro lado, diz, dificilmente os privados irão contratar educadores para poucas crianças, sendo necessário garantir turmas inteiras para que a medida faça "sentido". Rodrigo Queiroz e Melo aguarda orientações por parte do ME, de forma a "perceber a implementação da medida".

Confap recebeu centenas de pedidos de ajuda

À Confap já chegaram centenas de pedidos de ajuda de pais sem vagas para inscrever os filhos, uma situação que Mariana Carvalho, presidente da confederação, considera muito preocupante. "É grave porque as famílias ficam sem hipótese de poder ir trabalhar", sublinha.

Contudo, após reunião com o ME, a responsável mostra-se otimista na resolução das dificuldades das famílias. "Reunimos com o ME e com o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS) e estão a trabalhar em conjunto para garantir as vagas necessárias. Não foram avançados novos números oficiais das vagas em falta. O assunto não está ainda fechado, mas a expectativa é que se multiplique o número de vagas", avança.

Mariana Carvalho diz ter ficado "mais descansada" após a reunião e acredita que a próxima semana traga boas notícias para as famílias.

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP) também acredita que já a partir da próxima semana e ao longo de todo o mês de setembro a situação da larga maioria dos alunos sem vagas se resolva.

"Procedemos às matrículas do pré-escolar com o critério da idade, mas há situações que só em setembro se resolvem, nomeadamente em relação às crianças de 4 anos. Os pais que estão em lista de espera devem começar a ser chamados pelas escolas", explica.

O responsável adianta estar nos grandes centros urbanos a situação mais complexa e, também, no aumento do número de crianças.

"O número de crianças está a crescer – é avisado que as câmaras programem devidamente os próximos anos porque me parece que vamos continuar a ter mais crianças e precisamos de mais salas no pré-escolar", alerta.

Filinto Lima também sublinha a importância cada vez maior que os pais dão ao Ensino Pré-escolar, levando a uma maior procura de inscrições. O presidente da ANDAEP aconselha as famílias ainda sem a situação resolvida a aguardarem um contacto das escolas ou a dirigirem-se aos serviços administrativos "para terem uma noção do seu número de ordem e uma maior perspetiva da futura colocação".

dnot@dn.pt

7 em cada 10 crianças não têm acesso a creche

Segundo os últimos dados oficiais divulgados pelo Governo, mais de 20 mil crianças, entre os 3 e os 5 anos, ainda aguardam colocação no Sistema de Educação Pré-escolar. Destas, 8237 têm apenas 3 anos de idade. As zonas mais críticas no que se refere à falta de vagas são os concelhos de Sintra (1911 crianças à espera), Lisboa (1073) e Seixal, com 939.
O estudo *Portugal Balanço Social, 2023*, da Universidade Nova de Lisboa (divulgado em maio), aponta que 7 em cada 10 crianças residentes em Portugal não têm acesso a creche.
O DN questionou o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho e da Segurança Social para obter o número total de crianças sem vagas em creches e no pré-escolar, mas até à hora do fecho desta edição, não obteve qualquer resposta.

Estado paga 474 euros por criança às instituições do Creche Feliz

Há mais de 100 mil crianças e quase duas mil instituições abrangidas pelo programa Creche Feliz.
Segundo dados avançados pelo Governo, o programa abrange 1511 instituições da rede solidária, 472 da rede aderente e 15 da rede pública.
O Concelho de Lisboa tem o maior número de creches aderentes (110), seguido por Sintra (60) e Vila Nova de Gaia (50).
No que se refere à idades dos menores, mais de seis mil têm até 1 ano, 34 624 têm 1 ano, 41 283 com 2 anos, 15 464 têm 3 anos e 24 têm 4 anos.
A creche gratuita é para todas as crianças nascidas a partir de 1 de setembro de 2021 (inclusive) e que frequentem o setor social e solidário, independentemente do escalão de IRS em que estão os pais.

Apostar no crescimento do judo em Portugal

JOVENS E DESPORTO Ao longo de três dias, em Sintra, mais de 150 praticantes de judo, de várias idades, dialogaram com atletas olímpicos como Patrícia Sampaio, Orujov Rustam e até Carlos Lopes. Foi o 5.º Judo Camp, dinamizado por outro olímpico português, Renato Kobayashi.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

Patrícia Sampaio, Medalha de Prata nas últimas Olimpíadas, entra no pavilhão da Escola Secundária Santa Maria, em Sintra, e é aplaudida com entusiasmo pelos jovens participantes do 5.º Judo Camp, que ali se realizou entre 5.ª feira e ontem, numa iniciativa do Sport União Sintrense.

A seu lado, numa breve preleção aos atletas (cerca de 150, todos federados, os mais novos com 7 anos) está Carlos Lopes, o nosso primeiro Campeão Olímpico de sempre. Ambos falam da importância que o treino e o trabalho árduo desempenham na conquista dos resultados com que todos sonham, mas também do poder de enfrentar a adversidade. Carlos Lopes recorda como, antes das medalhas e da glória olímpica, uma lesão o levou a ser dado como inapto para a prática desportiva. Até que entrou em ação Kiyoshi Kobayashi, japonês, radicado em Portugal desde o final da década de 1950, que, além de médico, foi um judoca de exceção e grande responsável pelo desenvolvimento da modalidade no nosso país. Carlos Lopes voltou às pistas e conquistou o Ouro Olímpico na maratona dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984.

Renato, filho e continuador da obra de Kiyoshi, também ele judoca Olímpico (nos jogos olímpicos de Seul, em 1988), é a "alma" deste Judo Camp e, como sugere a atenção extrema que põe em todos os detalhes, um entusiasta do ensino da modalidade que começou a praticar aos 8 anos: "Já estamos na 5.ª edição", conta ao DN. "E a adesão continua a crescer. Além de termos judocas de clubes de todos os pontos do país, também contamos com inscrições de atletas espanhóis e marroquinos. O mais novo tem 7 anos e depois é um crescendo de idades."

Nesta edição, além da muito festejada "lição" de Patrícia Sampaio, o estágio teve a participação do atleta Olímpico Orujov Rustam, do Azerbaijão, Vice-campeão Olímpico em 2016 e duas vezes Vice-campeão do Mundo, em 2017 e 2019, na categoria de -73Kg.



FOTOS: LEONARDO NEGRÃO

Foram 150, todos federados, os jovens que participaram no 5.º Judo Camp em Sintra.



Carlos Lopes, Orujov Rustam, Renato Kobayashi e Patrícia Sampaio.

O valor deste convívio entre consagrados e atletas ainda em formação é reconhecido pela olímpica Patrícia Sampaio, que nos admitiu gostar muito de experiências como esta: "Gosto muito de tudo no judo, incluindo esta vertente de passar ensinamentos aos mais novos. Mas, se calhar, mais do que ensinar é, na verdade, uma partilha de reflexões e de vivências, que também me interpela. É um estímulo diferente do que me proporciona a competição."

Sentindo que o judo está a crescer em Portugal (e que a sua medalha aumentou ainda mais a popularidade desta prática), Patrícia acrescenta que fica contente, mas que "importa passar a mensagem de que só com muito trabalho diário se chega a grandes resultados."

Se alguém sabe de Pedagogia da prática desportiva é Renato Kobayashi. Para além de professor no Colégio Militar, dirige o judo no Sport União Sintrense, onde ele próprio começou a treinar com outro dos impulsionadores da modalidade no nosso país, o mestre Bastos Nunes.

Quaisquer que sejam as idades ou os objetivos dos formandos, Renato procura incentivar uma visão integrada do desporto, que não se esgote na hora do treino: "No Sintrense, temos um projeto de combate à obesidade, sobretudo nas crianças, em que fazemos palestras sobre nutrição junto das famílias. O nosso objetivo é sobretudo mudar mentalidades e mostrar que, ao contrário do que se pensa, comer bem não tem de ser caro. Temos contado, nestas atividades, com o patrocínio do Grupo Bel, o que tem sido decisivo para que possamos continuar."

Quem tem uma palavra a dizer são as autarquias – neste caso, o Judo Camp conta com as colaborações da Câmara Municipal de Sintra e da Junta de freguesia da Portela de Sintra. Bruno Parreira, vice-presidente do município, fala da importância de envolver as comunidades nos programas municipais de desporto. E vai dizendo que também, nessa matéria, há ainda muito por fazer: "Temos de acabar com a ideia de que queremos medalhas de quatro em quatro anos, mas sem nada fazermos para que o padrão mude. Não é aceitável que se fique muito maçado porque a Câmara fecha a estrada, uma vez por ano, para uma prova de ciclismo ou atletismo."

Bruno Parreira não hesita em dizer que, para a maior parte da população, o desporto único ainda é o futebol e que, ainda assim, mais importante do que a prática, é a filiação clubística: "O desporto é indutor de cidadania e de saúde, mas se a comunidade não percebe esse valor, as autarquias não têm capacidade de atrair investimento para o setor."

Corpo do quinto GNR vítima de acidente no Rio Douro foi encontrado

INVESTIGAÇÃO Destroços da aeronave foram enviados para centro especializado em Viseu e o piloto, único sobrevivente, foi ouvido na tarde de ontem. Veículo não possui caixa-negra.

TEXTO **AMANDA LIMA**



Corpo do militar foi encontrado por volta das 16.00 horas de ontem.

ESTELA SILVA / AGÊNCIA LUSA

Por volta das 16.00 horas de ontem, foi encontrado o corpo de Tiago Pereira, o último dos cinco militares da Guarda Nacional Republicana (GNR) a ser resgatado após a queda de um helicóptero no Rio Douro. O acidente aconteceu na passada sexta-feira na Região de Lamego, quando a equipa regressava do combate a um incêndio no Concelho de Baião.

As buscas começaram logo pela manhã de sábado, com mais de 200 operacionais envolvidos num complexo trabalho, que teve como foco encontrar o militar. A operação teve a participação de profissionais da Marinha, Proteção Civil, bombeiros e da própria GNR.

Paralelamente, foram recolhidos os destroços da aeronave em duas grandes partes, uma vez que o helicóptero se partiu em dois com o impacto da queda. O trabalho de retirada da água durou várias horas, com uso de gruas e outros equipamentos. O material foi levado para o serviço de investigação de acidentes com aeronaves, localizado no Aeródromo de Viseu. As buscas pelo corpo do militar foram encerradas, mas equipas continuam mobilizadas para recolher destroços que ainda estão no rio e são necessários para a investigação do acidente.

O sobrevivente, de 44 anos e definido como um "piloto bastante experiente", também já prestou o primeiro depoimento na tarde de ontem, o que ajudará a descobrir as causas do acidente. O piloto teve apenas ferimentos ligeiros e está estável.

De acordo com Rui Silva Lampreia, comandante Regional da Polícia Marítima do Norte, o modelo do helicóptero que caiu não possui caixa-negra, sistema em que ficam os registos de voo. No entanto, possui um equipamento semelhante que, segundo Lampreia, pode ter "algum registo". O caso já está a ser investigado pelo Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves e de Acidentes Ferroviários (GPIAAAF).

Até agora, uma das conclusões a que já chegaram as equipas de resgate foi que o impacto do helicóptero no Rio Douro foi de "forte violência" e causou a "destruição total da aeronave", de acordo com o comandante Regional da Polícia Marítima do Norte. "Face àquilo que já encontrámos e às imagens que temos registadas, tudo indica que o impacto foi de forte violência e causou a destruição total da aeronave. Face ao estado em que se encontra a aeronave, a violência do impacto foi bastante forte e causou praticamente a destruição, está quase irreconhecível diria eu", revelou Rui Silva Lampreia.

Acompanhamento psicológico e honras fúnebres

Os familiares das vítimas e profissionais que atuaram nas buscas, bem como agentes da GNR, estão a receber acompanhamento psicológico. Com o desfecho trágico, a corporação realizará um funeral com honras, segundo Mafalda Almeida, porta-voz da GNR.

"O desfecho não era o esperado, mas acho que foi o melhor que se conseguiu, com todos os meios que tínhamos à nossa disponibilidade, foi que o rio devolvesse, no fundo, o conforto às nossas famílias, à família da Guarda também, e temos os cinco militares connosco para, agora, conseguirmos prestar as devidas cerimónias e honras fúnebres que merecem e que nós teremos todo o respeito em lhes atribuir", disse. "É pesado. Neste momento, o que estará para a frente é prestar-lhes a devida homenagem", complementou a tenente-coronel.

Funerais este domingo

As cerimónias fúnebres dos cinco militares – António, 36 anos; Daniel, 35 anos; Fábio, 34 anos; Pedro, 45 anos; e Tiago, de 29 anos – realizam-se hoje à tarde, anunciou a autarquia, que decidiu suspender as festas da cidade.

As missas de corpo presente vão realizar-se na Igreja de Santa Cruz, às 15.00 horas, e na Igreja Paroquial de Sande, às 18.00 horas, seguindo-se depois os cortejos fúnebres, revelou ontem à noite o Município de Lamego, em comunicado.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Ana Garcia Martins *A Pipoca Mais Doce*, bloguista, jornalista, escritora

"A panhonhice alheia consome-me muito o sistema nervoso"



Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Fazer com que pessoas pouco expeditas se tornassem mais despachadas só com um olhar fulminante. A panhonhice alheia consome-me muito o sistema nervoso.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Consumo séries de forma absolutamente compulsiva, sou capaz de ficar acordada até às tantas só para ver mais um episódio. Há muitas séries ótimas, mas sugiro *Succession*.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Sou um bocado esquisitinha, não me aventuro muito com comidas diferentes. A coisa mais estranha talvez sejam caracóis, e acho que só gosto porque fui habituada a comer desde que me lembro.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Não tenho nada essa coisa de querer andar para trás ou para a frente no tempo. Mas acho que gostava de voltar aos anos áureos do Eusébio no Benfica.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
O Garfield. Parece-me ter uma boa vida.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Todas. Gosto muito de dançar, o que é diferente de ter jeito.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Trocava com o Donald Trump e nesse dia retirava a candidatura à Presidência dos Estados Unidos, despedia-me da vida política (e pública) e ia passar a reforma na Flórida.

Qual é a música que sempre a faz dançar, não importa onde esteja?



DIREITOS RESERVADOS

Várias e todas de qualidade duvidosa. *Solo se Vive una Vez*, *Dancing Queen*, *Maria*, do Ricky Martin, tudo dentro deste género.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Talvez o *La La Land*. Tendo a ter uma visão do mundo tão cínica e negativa, que talvez não fosse má ideia passar uns tempos num musical.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Uma almofada em forma de coração com a foto dos meus filhos. Gosto muito deles, mas calma…

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Qual é o bicho que se mexe menos e que come mais? É esse que eu quero ser.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Não sou muito de sobremesas, é raro pedir, num restaurante. Mas não digo que não a uma boa fatia de Romântica, da Olá.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia 10 de Julho: *Dia de São Éder*. Nesse dia, todos os portugueses ao acordar têm de ir à janela e gritar "Hoje é feriado, car****!!!"

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Dormir a sesta conta? Infelizmente, é um *hobby* que não pratico com a frequência que gostaria, mas tento dar o meu melhor.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Nenhuma. Depois não conseguia acompanhar o estilo de vida e nunca íamos conseguir fazer programas juntos. Era só deprimente.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Está longe de ser a mais engraçada, mas é uma que o meu pai adorava contar:
"No primeiro dia de aulas, o professor disse aos alunos:
– Dou um prémio a quem acertar na minha idade.
O menino Joãozinho pôs o dedo no ar e tentou a sorte:
– Eu acho que o professor tem 30 anos.
-Muito bem, menino Joãozinho, estou impressionado como é que sabia a minha idade?
– Eu saber, não sabia, senhor professor, mas como tenho lá em casa um irmão que é meio parvo e tem 15…"

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Com um panda. Gostava de saber como é que conseguem sobreviver estando sempre a cair de árvores, a ficar presos em ramos e a viver a vida no limite.

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Não tenho. Sou o verdadeiro caso de "*what you see is what you get*". Lamento, sou só mesmo isto que está à vista.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Preto. Porque de preto nunca me comprometo e eu odeio comprometer-me com o que quer que seja.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Não é uma palavra publicável. Mas começa por "f" e acaba em "oda-se". É bastante libertadora.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma ferramenta que respondesse a inquéritos de verão por mim. E, já agora, que me fizesse parecer interessante.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Um chapéu-de-sol para o vidro do carro. Ridículo? Sim. Útil? Muito. Já convenci vários amigos a comprar.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Sushi ou Cozido à Portuguesa. O ideal era poder comer um ao almoço e outro ao jantar, e o lanche ser pão alentejano quentinho, com manteiga.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Ter ido pedir um autógrafo ao Vata, antigo jogador do Benfica, e o meu pai me ter dito "pede-lhe para assinar com a mão com que marcou o golo ao Marselha". Fui lá, pedi, ele disse "foi com esta" e assinou. Já não me lembro se foi com a esquerda ou com a direita.

Se fosse um meme, qual seria?
Qualquer um que tenha a ver com querer estar em forma, mas depois ter demasiada preguiça para treinar e comer bem.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Quem É Esta Mesmo?

Se pudesse ser um personagem de videojogo, quem seria?
O Yochi, do Super Mario. Só porque é fofinho.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Posso saltar perguntas? Salto esta. Só mesmo porque já estou a ficar um bocadinho entediada. Sou uma pessoa que se aborrece com facilidade.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Gostava de assistir ao próximo Natal do presidente Marcelo com o filho. Tenho para mim que vai ser bem divertidão.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que nunca, mas mesmo nunca, se aceita responder a um questionário de verão com 30 perguntas!

Alexandre de Moraes, o juiz brasileiro que parou o X

BRASIL Elon Musk, dono da rede social, chama-lhe "ditador maligno", Jair Bolsonaro e o bolsonarismo odeiam-no mais do que odeiam Lula. A esquerda, que começou por atacá-lo, hoje vê-o quase como um "Moro de esquerda".

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO



Moraes tem sido um dos maiores protagonistas da política brasileira dos últimos anos.

EVARISTO SA / AFP

O Brasil, sexto maior mercado do mundo do X, ex-Twitter, com 21,5 milhões de utilizadores, acordou ontem, sem a rede social. Porquê? Por causa de Alexandre de Moraes, juiz do Supremo Tribunal Federal (STF) que antes de enfrentar Elon Musk, o multimilionário dono da plataforma, combatera Jair Bolsonaro e o bolsonarismo. Moraes – ou *Xandão*, como é conhecido à esquerda, ou "ditador de toga", como é chamado à direita – tem sido um dos maiores protagonistas da política brasileira dos últimos anos.

Comecemos pelo fim: a partir das 00.07, hora de Lisboa, de sexta-feira, expirado o prazo dado por Moraes para o X indicar um representante legal no Brasil, as 20 mil operadoras de internet de banda larga do país receberam da Agência Nacional de Telecomunicações a ordem judicial para retirarem a rede social do ar.

Em causa, a determinação do juiz do STF para o X bloquear seis contas, entre as quais a de um senador de direita, por desinformação e *fake news*. Como o X considerou a decisão uma "censura" e respondeu que encerraria as suas operações no país, despediria o *staff* local e ordenaria a retirada da sua representante legal do Brasil, o juiz fez aquele ultimato.

"Em breve, esperamos que o juiz Alexandre de Moraes ordene o bloqueio do X no Brasil – simplesmente porque não cumprimos as suas ordens ilegais para censurar os seus opositores políticos", reagiu Musk. "Alexandre de Moraes é um ditador maligno que se passa por juiz", completou.

A batalha já vinha de abril, quando Musk perguntou, via X, "porque o Congresso permite o poder de um ditador brutal a Moraes". "Ele não foi eleito. Deixe-o cair", sugeriu o sul-africano. "Como Alexandre de Moraes se tornou o ditador do Brasil? Tem Lula preso à trela (...) tirou Lula da prisão e colocou o seu dedo na balança para eleger o presidente (...). A próxima eleição será fundamental (...) ele é o ditador (obviamente) não eleito do Brasil."

Por esses e outros comentários, Musk tornou-se um ídolo da direita bolsonarista, para quem o "ditador de toga" ou "cabeça de ovo" ou "vampiro", como apelidam Moraes, já era o maior alvo, acima de Lula e do PT.

A 7 de setembro de 2021, nas comemorações dos 199 anos da Independência do Brasil, o então presidente Bolsonaro dera o mote ao chamar ao juiz "canalha" e defender que fosse "enquadrado". "Qualquer decisão do sr. Alexandre de Moraes, este presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou. Ele tem tempo ainda de pedir o seu boné e ir cuidar da sua vida", disse, diante de apoiantes em delírio.

A razão para a animosidade dos bolsonaristas é o conjunto de dossiês incómodos para a extrema-direita que Moraes tem em mãos: além de mandar prender os deputados bolsonaristas Daniel Silveira e Roberto Jefferson, trata do "inquérito das *fake news*", em que o presidente é um dos investigados pelos ataques sem provas ao sistema de votação por urnas eletrónicas, e do "inquérito das milícias digitais", que apura a existência de uma organização criminosa montada para atentar contra a democracia e suas instituições, abastecida com verba pública, sob liderança de filhos do presidente – e é aqui que entra Musk.

Após Musk ameaçar não cumprir o bloqueio das contas, Moraes determinou a inclusão do empresário nesse inquérito e noutro, o "inquérito do 8 de janeiro", nascido depois, que investiga, além da invasão à Praça dos Três Poderes, naquele dia de 2023, a tentativa de golpe de Estado por apoiantes, incluindo militares, de Bolsonaro.



Elon Musk
Multimilionário dono do X

Para justificar a inclusão de Musk no inquérito, Moraes argumentou que "as redes sociais não são terra sem lei e nem terra de ninguém" e que "os provedores de redes sociais devem absoluto respeito à Constituição Federal, à lei e à jurisdição brasileira".

Em aparições públicas nos últimos meses, Bolsonaro chamou Musk de "mito da liberdade" e disse agora ter "um apoio de fora do Brasil muito forte" e que "grande parte da liberdade" nas redes sociais no país "está nas mãos dele".

Natural de São Paulo, Moraes, 55 anos, teve influente carreira política antes de chegar ao STF. Formado em Direito em 1990, foi secretário da Justiça e Segurança Pública do Estado de São Paulo, sob as ordens do governador Geraldo Alckmin, hoje vice de Lula.

Em 2016, depois do *impeachment* de Dilma Rousseff, aceitou o convite de Michel Temer para assumir a pasta da Justiça no Governo Federal. No início de 2017, entretanto, seria nomeado pelo presidente novo juiz do STF na vaga de Teori Zavascki, falecido após acidente aéreo. Na altura, a escolha foi criticada pela esquerda, que hoje chama a Moraes carinhosamente "*Xandão*" e o vê como um Sergio Moro, o juiz do *Lava-Jato* que mandou prender Lula, benigno. E aplaudida pela direita que agora, pelo contrário, grita "fica X, fora Xandão".

Na imprensa, em paralelo com a discussão ampla da "liberdade de expressão", por um lado, e do "combate às *fake news*", por outro, os fazedores de opinião criticam o autoritarismo e o excesso de protagonismo do juiz, mas aplaudem a sua ação, considerada fundamental, para evitar um golpe de Estado após a derrota eleitoral de Bolsonaro. Ao mesmo tempo que estranham que Musk, cujo empreendedorismo inovador é digno de elogios, cumpra sem pestanejar leis em países autoritários, como China e Arábia Saudita, mas reclame no Brasil.



O chanceler Olaf Scholz esteve em campanha em Jena pelo seu partido, SPD, que pode obter um resultado historicamente baixo.

JENS SCHLUETER / AFP

Pessimismo alemão a leste converte-se em votos à extrema-direita

ALEMANHA Os eleitores de duas regiões da antiga RDA vão hoje às urnas no que se antecipa como uma noite amarga para o Governo de coligação do chanceler Olaf Scholz, com a extrema-direita da AfD a capitalizar o descontentamento e o sentimento contra a migração, uma semana depois do ataque em Solingen, sendo o suspeito um sírio.

As eleições na Turíngia e na Saxónia realizam-se apenas uma semana depois de três pessoas terem sido esfaqueadas até à morte na cidade ocidental de Solingen, sendo o suspeito um requerente de asilo sírio, num ataque reclamado pelo Estado Islâmico, que chocou a Alemanha e alimentou um debate sobre a imigração. Segundo as sondagens, o partido de extrema-direita e anti-imigração Alternativa para a Alemanha (AfD) vai ser o mais votado na Turíngia, com cerca de 30%, enquanto na Saxónia disputa o primeiro lugar com os democratas-cristãos da CDU.

É improvável que a AfD chegue ao poder em qualquer um dos estados, mesmo que ganhe, uma vez que os outros partidos excluíram a possibilidade de colaborar para formar uma maioria. Mas o resultado seria uma humilhante derrota para os sociais-democratas de Olaf Scholz e para os outros partidos da coligação governamental: os Verdes e o liberal FDP, que se preparam para as Eleições Nacionais do próximo ano. Em ambas as regiões, o SPD de Scholz regista cerca de 6% das intenções de voto.

Uma terceira região da antiga Alemanha de Leste, Brandemburgo, também deverá realizar eleições no final de setembro, com a AfD no topo das sondagens.

A situação em cada estado é ligeiramente diferente, mas "em qualquer caso, é claro que a AfD vai reunir um número muito forte de votos", disse à AFP Marianne Kneuer, professora de Política na Universidade de Tecnologia de Dresden (TU Dresden). A AfD é especialmente forte na antiga Alemanha de Leste comunista, em parte "porque tem um núcleo de eleitores que se identificam com as suas posições nacionalistas e autoritárias", segundo Kneuer.

Na relativamente próspera cidade de Zwickau, a incerteza económica e uma história turbulenta conjugaram-se para impulsionar o apoio à extrema-direita antes de umas Eleições Regionais importantes. "As pessoas têm medo de perder tudo o que construíram ao longo dos anos", disse a presidente da Câmara, Constance Arndt, eleita numa lista independente.

Para compreender por que é que "o ambiente é tão mau" antes das eleições no estado da Saxónia, é preciso "talvez mergulhar no passado", sugeriu. Os habitantes de Zwickau "atingiram um certo nível de prosperidade", depois de um período de doloroso declínio após a reunificação alemã em 1990, disse. A cidade deve o seu renascimento, em parte, ao seu estatuto de centro de produção automóvel, sendo a Volkswagen um dos principais empregadores da região. Mas as crises recentes, desde a

pandemia à guerra na Ucrânia e à inflação elevada, desencadearam um renovado "medo de perder", disse Arndt, de 47 anos.

Como resultado, alguns vão votar na AfD "como forma de protesto", acrescentou a autarca da cidade de cerca de 90 mil habitantes. No início de junho, a AfD venceu as Eleições Autárquicas e tornou-se o maior grupo de eleitos locais de Zwickau. Embora o partido não tenha obtido uma maioria, a presidente da câmara prevê que as discussões no conselho se tornem mais difíceis, nomeadamente no que diz respeito ao financiamento da cultura.

Segundo o assistente social Joerg Banitz, a AfD encontrou terreno fértil numa cidade com uma cena extremista de direita ativa. Foi em Zwickau que os três membros da célula neonazi NSU, que assassinaram nove pessoas de origem imigrante entre 2000 e 2007, se esconderam da polícia durante anos. Wolfgang Wetzel, vereador de Zwickau pelos Verdes, disse que muitos habitantes locais se sentem desorientados num mundo cada vez mais complexo. E numa região que viveu dois regimes autoritários consecutivos, o nazismo e depois o comunismo, há um ressurgimento da "nostalgia da simplicidade da ditadura, onde não é preciso tomar decisões", o que beneficia a extrema-direita, disse Wetzel.

Com as suas novas e reluzentes habitações, dezenas de estaleiros de construção e um centro urbano movimentado, Jena representa a nova face da ex-RDA. "As regiões da antiga Alemanha de Leste participam agora plenamente no sucesso e na força da nossa economia", declarou o chanceler Olaf Scholz em campanha na cidade. Os problemas económicos e o sentimento geral de desfavorecimento são citados como as razões pelas quais o apoio à AfD é elevado na Alemanha Oriental, outrora comunista.

A AfD emergiu como o maior partido da Alemanha de Leste nas eleições de junho para o Parlamento Europeu. Mas, na verdade, as regiões da antiga Alemanha de Leste têm acumulado uma série de dados económicos positivos nos últimos anos, com o investimento a aumentar e o desemprego a diminuir. "Nos últimos 10 anos, o crescimento tem sido superior à média nacional", disse à AFP Axel Lindner, investigador do instituto económico IWH Halle. Jena, o polo económico da Turíngia, é um centro especializado no domínio da ótica, com um cenário de *startups* florescente e universidades de renome. Na vizinha Saxónia, Dresden tornou-se um centro da indústria de semicondutores.

O PIB da Alemanha de Leste crescerá 1,1% este ano, quase três vezes mais do que a média nacional, segundo o instituto económico IFO, enquanto o desemprego desceu de 11,6% em 2013 para 7,8% em 2023. A economia alemã em geral estagnou nos últimos 12 meses, em parte devido à sua dependência das exportações, mas a economia do leste do país, dominada por empresas familiares e serviços, aguentou-se bem.

A Alemanha de Leste foi também escolhida como local de implantação de grandes projetos industriais, como a fábrica de carros elétricos da Tesla em Brandemburgo. Em parte graças a esta fábrica, esta região que circunda Berlim cresceu 2,1% no ano passado, enquanto o país em geral entrou em recessão. Os rendimentos e a riqueza continuam a ser mais baixos no leste, mas o fosso está a diminuir: em 2022, os salários no leste da Alemanha correspondiam a cerca de 91% dos salários no oeste, em comparação com 80% em 2015.

No entanto, a situação é diferente nas zonas rurais da região, onde o êxodo maciço de trabalhadores e o envelhecimento da população conduziram a um persistente sentimento de pessimismo. Segundo um estudo do instituto de investigação económica IW, de Colónia, a diminuição da população nas zonas rurais pode ser a causa do elevado número de votos de protesto na região.

"Há uma correlação entre o declínio da população e o pessimismo dos habitantes", alimentado por um sentimento de privação e pelo desaparecimento dos serviços públicos, disse à AFP Matthias Diermeier, autor do estudo. A redução da imigração exigida pelo AfD pode piorar este problema e prejudicar a economia, agravando a crescente escassez de trabalhadores qualificados. Até 2030, a população em idade ativa nas regiões orientais da Alemanha deverá diminuir em 800 mil pessoas, de acordo com as estimativas do Governo. **DN/AFP**

Identificados mais de 66 mil militares russos mortos

GUERRA Número total será mais elevado. Há mais russos a exprimirem insatisfação com as autoridades.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Era para durar três dias, mas a invasão russa à Ucrânia prolonga-se por mais de dois anos e meio, e com isso o número de baixas, civis e militares, não para de aumentar. Segundo o *site* noticioso independente russo Mediazona, o mínimo de óbitos de militares russos na "*Operação Militar Especial*" cifrava-se em 66 471 em 30 de agosto, advertindo que o número total deverá ser maior.

Elaborada em conjunto com os serviços russos da BBC, a lista não-exaustiva foi obtida com recurso a fontes abertas (comunicados de imprensa oficiais, artigos nos meios de comunicação social, anúncios nas redes sociais, observação de sepulturas em cemitérios...). Em meados de abril, a contagem dos dois meios informativos estava em 50 mil mortos.

No comunicado da Mediazona no Telegram informa-se que se registou um aumento de mais de 4600 mortos no último mês. O número pode ser maior, diz a Mediazona, uma vez que as mortes de muitos soldados não são tornadas públicas. Anastasia Alekseyeva, jornalista da Mediazona, afirmou que os últimos números "não estão relacionados com a ofensiva da Ucrânia na região de Kursk ou com o avanço da Rússia no leste". Segundo a investigação, 12 mil mortos cumpriam pena de prisão antes de terem sido alistados para combater na guerra.

O regime russo não tem fornecido dados sobre as perdas militares russas, invocando "a Lei dos Segredos de Estado".

Segundo Vladimir Putin, as mortes de soldados russos são "inferiores" às ucranianas numa "proporção de um para cinco". O Estado-Maior ucraniano calcula o número de baixas da Rússia em 614.950, incluindo na mesma contagem mortos e feridos. Do lado de Kiev, a informação também é opaca. Em fevereiro, Volodymyr Zelensky apontava para 31 mil militares ucranianos mortos.

Estes dados cruzam-se com o aumento da insatisfação dos russos desde o início da incursão ucraniana na região de Kursk. Segundo o norte-americano Instituto para o Estudo da Guerra (ISW), várias sondagens demonstram-no. É o caso da realizada pelo instituto FOM, controlado pelo Estado, na qual 28% dizem estar insatisfeitos com as autoridades russas. Um mês antes, a percentagem de insatisfeitos era de 18%.

cesar.avo@dn.pt


TATYANA MAKEYEVA / AFP

Deslocada russa na região de Kursk: descontentamento sobe.

Prossegue cerco a Jenin

O norte da Cisjordânia continuou a ser palco de combates ao quarto dia de uma "operação antiterrorista" israelita. Na Faixa de Gaza começou uma campanha de vacinação contra a poliomielite.

Terminadas as operações em Tulkarem e em Far'a, as forças israelitas prosseguiram a sua ofensiva em Jenin, onde os residentes dizem ter ficado privados de água e de eletricidade, com os residentes a queixarem-se da falta de oferta de serviços básicos, como padarias abertas. "Acho que é o pior dia desde o início do ataque. Ouvimos confrontos e, às vezes, grandes explosões", disse à AFP Wissam Bakr, diretor do Hospital de Jenin.

O Exército ocupante disse ter neutralizado dezenas de engenhos explosivos que estavam plantados ao longo das estradas. Também disse ter "eliminado" dois palestinianos que planeavam realizar ataques com explosivos junto de colonatos na Cisjordânia. Desde quarta-feira, os israelitas mataram pelo menos 26 homens armados (metade dos quais Hamas e Jihad Islâmica assumem ser seus militantes) e detiveram outros 30 procurados.

A campanha de vacinação contra a poliomielite, que pretende imunizar mais de 640 mil menores de 10 anos, arrancou na Faixa de Gaza. Passada a pausa humanitária de oito horas, uma explosão atingiu o Hospital al-Ahli, na cidade de Gaza, o local em que uma explosão matou mais de 400 pessoas (segundo o Hamas) na fase inicial da guerra. Na altura, Israel foi acusada pelo Hamas, mas Telavive apontou antes para um foguete lançado pela Jihad Islâmica. **C.A.**



Análise
Germano Almeida

Duas narrativas americanas

Há duas narrativas nesta apertada e tão decisiva corrida presidencial norte-americana de 2024.

Sondagem Quinnipiac (23-27 agosto) revela-nos duas realidades claramente identificadas. Se a decisão dos americanos estiver focada no Clima (59-34), nos direitos reprodutivos e direito ao aborto (55-38), na defesa da Democracia (50-45) ou na restrição ao acesso às armas (51-45), Kamala Harris vencerá facilmente. Mas se, por outro lado, o que prevalecer for a Economia (52-46), o combate à inflação (52-45), a Imigração (51-46) ou a guerra em Gaza (49-45), os eleitores dão mostras de confiarem mais em Trump – ainda que os números favoráveis a Kamala sejam mais definidores do que os que mostram vantagem a Donald. Também há empate ou tangentes: crime (Kamala 49-48), gerir uma grande crise nacional (Kamala 49-48), guerra Rússia-Ucrânia (Trump 49-48), Supremo (Kamala 49-47). Mas, nestes casos, as diferenças são tão pequenas que não deverão ser estes temas a decidir.

Esta fratura de "duas eleições numa só" revela-se na diferença de géneros: as mulheres preferem esmagadoramente Kamala (58-37), os homens dão enorme vantagem a Trump por diferença quase igual (57-39). Os eleitores independentes estão repartidos: 45-45. Os jovens preferem Kamala por 52-39, os negros por 75-20. Os eleitores de Kamala (75%) estão mais entusiasmados que os de Trump (68%).

Os democratas vão tentar manter a conversa desta eleição em temas como o aborto ou a defesa da Democracia. Os republicanos querem mudar a agulha para a Economia e a Imigração. Quem dominar a narrativa nos próximos dois meses terá tudo para vencer.

A eleição começa já na sexta-feira

A grande maioria dos norte-americanos só irá às urnas a 5 de novembro, mas a Eleição Presidencial está mesmo perto do seu início.

A votação antecipada começa já no dia 6 de setembro, próxima sexta-feira, com o envio de boletins para o voto por correspondência na Carolina do Norte, um dos sete estados decisivos. Para pelo menos alguns eleitores dos restantes seis, os boletins serão expedidos até ao fim do mês de setembro.

Ou seja: quando dizemos que as eleições são a 5 de novembro, na verdade nessa data elas terminam na possibilidade de se exercer o direito de voto, mas significam o fim do período eleitoral de quase dois meses que está quase a começar.

Em alguns estados, o "*early vote*" por correspondência só é permitido a militares ou pessoas com doenças que impeçam a deslocação aos locais de voto. Mas noutros estados, quase todos os eleitores podem votar pelo correio. Muitos estados expandiram a elegibilidade em 2020, quando a pandemia tornou mais arriscado votar pessoalmente. Há quatro anos, isso deu vantagem a Biden. Será que, desta vez, a candidatura Trump trata este fenómeno de forma mais séria e inteligente, em vez de atirar, irresponsavelmente, acusação falsa de roubo?

Uma entrevista inconclusiva

Na primeira entrevista como candidata, com Tim Walz ao lado, Kamala surgiu mais ao centro, afastou-se do "esquerdismo" em que muitos a colocavam até à Convenção. Harris tentou elogiar Biden, mas mostrar que terá *nuances* importantes numa sua futura administração. "Acredito que sou a melhor pessoa para este cargo neste momento", elaborou, numa suave demarcação de Biden. Mas Kamala fez questão de lembrar os feitos da Administração Biden, no "*Bidenomics*" pós-covid.

O posicionamento ao centro de Kamala manifestou-se na defesa do *Fracking* (importante na economia da Pensilvânia), numa visão mais realista da gestão da imigração e no anúncio de que colocará um republicano no seu Governo. Kamala insistiu na prioridade de "apoio e reforço à classe média". Harris lembrou medidas concretas como a criação de um teto para os custos de medicação para idosos e o aumento do número de empregos na área da indústria, classificando-os como "um bom trabalho". E sobre querer pôr um republicano na sua administração: "Passei a minha carreira a apelar à diversidade de opiniões. Penso que é importante ter pessoas à mesa, quando estão a ser tomadas algumas das decisões mais importantes, com pontos de vista e experiências diferentes. Seria benéfico para o público americano ter um membro do meu Governo que fosse republicano".

O que a terá levado a mudar de posição no *fracking* e na imigração? "É porque tem mais experiência agora e aprendeu mais sobre as informações? É porque estava a concorrer à Presidência numa primária democrata? E eles devem sentir-se confortáveis e confiantes de que o que está a dizer agora vai ser a sua política daqui para a frente?", atirou Dana Bash, jornalista que conduziu a entrevista. "O aspeto mais importante e mais significativo da minha perspetiva e decisões políticas é que os meus valores não mudaram", alegou a candidata.

Possível troca de câmaras no Congresso

A 5 de novembro não se vota só para a Casa Branca. Vai escolher-se, também, toda a Câmara dos Representantes e um terço do Senado. Os democratas controlam o Senado e os republicanos têm, por pouco, o domínio da Câmara Baixa. As sondagens antecipam uma possível troca: é de admitir que os democratas tomem o controlo da *House of Representatives*, embora não por uma grande margem. Quanto ao Senado, é provável que passe para a mão dos republicanos.

O *RealClearPolitics* antevê 50 lugares certos para os republicanos, 45 certos para os democratas e cinco empates técnicos. Basta que um desses cinco caia para os republicanos para que a Câmara Alta mude de mãos. Os cinco em aberto são no Arizona e no Michigan (em ambos os casos em aberto após não-reeleições, com o democrata Gallego na frente da republicana Keri Lake no Arizona e a democrata Slotkin na frente do republicano Rogers no Michigan); o lugar do democrata Tester, no Montana, está em risco perante a atual liderança do republicano Sheehy; no Ohio, Sherrod Brown tem pequena vantagem para defender o seu lugar sobre o *challenger* republicano Moreno; na Pensilvânia, o democrata Bob Casey tem sete pontos de avanço na defesa do lugar, sobre o *challenger* republicano McCormick.

A incógnita do "voto oculto"

A Convenção de Chicago fez Kamala subir consideravelmente na taxa de aprovação: está agora nos 50%, quase 20 pontos acima do que acontecia há um mês e pouco, quando o *ticket* democrata ainda era liderado por Biden. A desaprovação da vice-presidente está nos 46%, pelo que, de acordo com sondagem Morning Consult, Harris tem +4% de saldo favorável, 12 pontos acima dos oito negativos de Trump (44-52).

Quem se mantém numa rampa deslizante na popularidade é o candidato a vice dos republicanos. J.D. Vance tinha -3,3% de saldo a 18 de julho; -5,3% uma semana depois; -7,3% a 8 de agosto; -9,1% a 15 de agosto; está agora com -9,7%. Isto, sim, é uma rampa deslizante.

A grande dúvida é se continuará a haver um núcleo de uns 5% de eleitores que tem medo ou vergonha de dizer nas sondagens que vai votar em Trump. Se isso em 2016 pode ter tido algum peso, em 2020 Trump perdeu para Biden nas urnas, mas desempenhou melhor do que as últimas sondagens apontavam. No Wisconsin, no Michigan e na Pensilvânia, Biden chegou ao dia da eleição geral com 4 ou 5 pontos percentuais de vantagem, mas na verdade as diferenças foram bem menores: +2,7% no Michigan, +1,2% na Pensilvânia, +0,6% no Wisconsin. Nas intercalares de 2022 foi ao contrário: o "voto oculto" estava em quem pretendia travar a vitória dos candidatos trumpistas *deniers* do que aconteceu em novembro de 2020.

Como será desta vez?

Especialista em Política Internacional



Setor da madeira e do mobiliário emprega 80 mil trabalhadores.

OCTAVIO PASSOS / GLOBAL IMAGENS

Fileira da madeira quer captar e reter talento com novo contrato coletivo

INDÚSTRIA Novo acordo procura fazer uma melhor adequação dos perfis profissionais à transformação tecnológica que a indústria da madeira e mobiliário sofreu nos últimos anos. A diferença entre trabalhadores fabris e de escritórios acaba.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

A fileira da madeira e do mobiliário tem um novo contrato coletivo de trabalho (CCT), que põe fim à diferença entre trabalhadores do chão de fábrica e dos escritórios, com o estabelecimento de uma tabela única, porque, sublinham os responsáveis do setor, "são todos trabalhadores e devem ser tratados por igual". Captar e reter talento é vital, admitem. O último CCT era de 2012.

Em causa está um documento que, além das questões remuneratórias, procurou adaptar-se à modernização da fileira, incorporando, admitindo e acomodando, como se pode ler no preâmbulo do CCT enviado para publicação, "um conjunto de novas funções, competências e necessidades do setor resultantes da sua natural evolução e desenvolvimento verificadas nas últimas décadas, em razão da inovação, tecnologia e da própria ciência".

Vítor Poças, presidente da Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal (AIMMP) fala num "acordo histórico", Carlos Viegas Vitorino, secretário-geral do Sindicato da Construção, Obras Públicas e Serviços (Setacoop), considera que "sai fortalecida" a relação entre trabalhadores e as suas entidades patronais.

Em causa está um setor que conta com mais de 18 mil empresas, que asseguram acima de 80 mil empregos e que contribuem, por ano, com 3,2 mil milhões de euros para as exportações nacionais. E que, fruto dos "investimentos constantes" em novas tecnologias, automação e digitalização, não tem propriamente falta de trabalhadores.

"Este é um setor de tal forma grande, e com realidades tão distintas – como as serrações, os painéis ou a indústria do mobiliário e da colchoaria –, que provavelmente contrata pessoas todos os dias. Mas diria que os cerca de 80 mil que temos são um corpo de talento estável e equilibrado, face ao que é a nossa produção", afirma Vítor Poças.

A prová-lo está o facto de as exportações da fileira terem mais do que duplicado desde 2011, mas o número de trabalhadores ter-se mantido estável. "A produtividade tem vindo a aumentar por recurso a máquinas tecnologicamente mais desenvolvidas", acrescenta.

O novo CCT, que há mais de dois anos vinha sendo trabalhado, procurou não só reduzir o número de categorias profissionais, mas sobretudo adequar as suas designações e incorporar novas categorias à luz desta transformação tecnológica da fileira, em nome de uma maior atratividade do setor junto dos mais jovens. Porque, a qualificação e a formação profissional constituem um "mecanismo de incremento da competitividade das empresas e reforço do potencial dos trabalhadores", sendo "fator indispensável da promoção e sustentabilidade do crescimento económico e do desenvolvimento humano e social".

A reformulação completa das carreiras e dos grupos profissionais pressupôs o ajustamento em termos salariais com base no Salário Mínimo Nacional em vigor, sendo que, dos 11 escalões remuneratórios que passam a existir, dez estão acima deste valor. Ou seja, todos os trabalhadores do setor, exceto os aprendizes e estagiários.

"A verdade é que grande parte das empresas já pagam acima desses valores", diz o secretário-geral do Setacoop, que se diz satisfeito com os resultados alcançados.

E como a expectativa é de que o Salário Mínimo Nacional volte a subir em janeiro – está previsto que chegue aos 855 euros, no âmbito do acordo de rendimentos assinado em sede de Concertação Social –, as partes voltarão a sentar-se à mesa das negociações em breve. "Este é um projeto dinâmico", comenta o dirigente sindical. Vítor Poças concorda que "há que analisar as reações dos trabalhadores e das empresas" no início do ano.

Exportações a cair 7,4% no primeiro semestre

Depois de fechar 2023 com exportações recorde de 3176 milhões de euros, a fileira da madeira e do mobiliário está este ano a sofrer os efeitos da retração do consumo a nível mundial. Nos primeiros seis meses do ano, o setor vendeu ao exterior bens no valor de 1546 milhões, 7,4% abaixo do período homólogo.

"Desde o final de 2023 e durante 2024, assistimos a um ajuste contínuo dos preços para os níveis ligeiramente acima de 2021, o que se refletiu numa diminuição nominal das exportações em 7,4% acumulado no primeiro semestre de 2024, especialmente influenciado pelos produtos de madeira e suas obras, subsetores dedicados a produtos de embalagem e materiais de construção que, em 2022, haviam sofrido um impacto inflacionista de 27%", diz o presidente da AIMMAP.

Vítor Poças diz que, em termos reais, as exportações em volume estão "ligeiramente acima" de 2023, mas em valor estão a sofrer os efeitos do ajustamento de preços no mercado global. "Mesmo que esta tendência de queda nominal não se reverta até ao final do ano, estou muito satisfeito com o empenho da AIMMP e das empresas na promoção internacional do setor. Há um grande interesse por parte de investidores estrangeiros e a rentabilidade deverá manter-se estável. Estamos empenhados em prestar um serviço público que valoriza um recurso natural endógeno, fundamental para a grande empregabilidade e para a manutenção do *superavit* entre exportações e importações, sempre muito positivo", sustenta.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt



Geny Catamo acabou com as dúvidas e fez o 2-0 final.

MANUEL DE ALMEIDA / LUSA

ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE (LISBOA)
ÁRBITRO LUÍS GODINHO (ÉVORA)

SPORTING	FC PORTO
2	0
KOVACEVIC	D. COSTA
E. QUARESMA (80')	M. FERNANDES (74')
O. DIOMANDE	ZÉ PEDRO
G. INÁCIO	OTÁVIO
G. QUENDA (80')	W. GALENO
M. HJULMAND (86')	V. SOUSA (73')
H. MORITA	A. VARELA (84')
G. CATAMO	PEPÊ
F. TRINCÃO (90')	NICO
V. GYÖKERES	I. JAIME (73')
P. GONÇALVES	D. NAMASO (73')
TREINADOR	**TREINADOR**
RÚBEN AMORIM	VÍTOR BRUNO
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
Z. DEBAST (80')	SAMU (73')
M. REIS (80')	S. ESUTÁQUIO(73')
D. BRAGANÇA (86')	J. MÁRIO (74')
N. SANTOS (90')	F. NAVARRO (84')
	G. BORGES (73')

GOLOS: V. GYÖKERES (72', PENALTI), G. CATAMO (90+3"),
CARTÕES AMARELOS: G. CATAMO (28'), A. VARELA (30'), NICO (54'), OTÁVIO (69'), D. NAMASO (70'), S. EUSTÁQUIO (90+2')

Triunfo inequívoco do leão ao sabor de super Gyökeres e do talismã Geny Catamo

I LIGA Sporting bateu FC Porto por 2-0 e mostrou que neste momento é a melhor equipa portuguesa, a larga distância. Leões lideram campeonato e têm três pontos de avanço sobre o FC Porto e cinco sobre o Benfica.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

O Sporting venceu o FC Porto por 2-0, em Alvalade, dispondo agora de três pontos de avanço sobre os dragões e cinco sobre o Benfica na I Liga. E a equipa de Rúben Amorim será líder isolada no final da 4.ª jornada, a não ser que o Famalicão ganhe este domingo, na deslocação ao terreno do V. Guimarães. Foi um triunfo indiscutível dos leões, superiores durante grande parte de um encontro em que Gyökeres "dinamitou" a defesa azul e branca e Geny Catamo confirmou-se como talismã em clássicos/dérbis em Alvalade: depois do bis ao Benfica na temporada passada, agora deu a "estocada" final no dragão.

Rúben Amorim e Vítor Bruno não surpreenderam nos onzes iniciais, destacando-se o regresso de Hjulmand ao meio-campo dos lisboetas, no lugar de Daniel Bragança, depois de o sueco ter falhado as goleadas forasteiras infligida a Nacional e Farense.

O FC Porto entrou melhor na partida, tendo sido superior no primeiro quarto de hora, fruto de uma grande pressão ofensiva, com o Sporting a não conseguir sair a jogar. E aos 12' os forasteiros estiveram perto do golo, na sequência de um remate de Vasco Sousa que passou perto do poste.

Um incrível falhanço de Trincão aos 17', ao chutar contra Zé Pedro, quando tinha tudo para inaugurar o marcador, simbolizou a mudança de domínio da contenda. Desde esse momento e até ao intervalo, praticamente só deu Sporting, com os leões a desperdiçarem mais duas enormes ocasiões, por Trincão e Pedro Gonçalves, e outra, não tão flagrante, da autoria de Gyökeres. Os melhores homens na equipa da casa eram Pedro Gonçalves e Gyökeres, com as suas habituais "tabelinhas" a deixarem a cabeça em água aos defesas portistas. Aos leões faltava no entanto um maior acerto dos alas Geovany Quenda e Geny Catamo, sendo de destacar a forma como Galeno, extremo de origem a alinhar como defesa esquerdo, conseguia controlar o jovem de 17 anos.

Até ao descanso, o FC Porto só deu um ar da sua graça num remate de Galeno de fora da área, muito bem travado por Kovacevic e em cima do intervalo, os verdes e brancos reclamaram grande penalidade, numa possível placagem de Otávio a Gonçalo Inácio. No final dos primeiros 45 minutos, o resultado era lisonjeiro para os visitantes, que tiveram grande dificuldade em travar o "carrossel" de Trincão, Gyökeres e Pedro Gonçalves, com Hjulmand sempre a dar a cobertura necessária aos homens da frente para espalharem a sua magia.

As duas equipas regressaram dos balneários sem substituições e continuou o festival de desperdício da equipa da casa, com Alan Varela a impedir o golo de Gyökeres em cima da linha de golo, num lance que começou numa grande jogada de Quenda pela direita, pela primeira vez a ganhar no duelo com Galeno. E a resposta portista surgiu com remate de Galeno de fora da área, para ótima defesa de Kovacevic, lance semelhante ao que ocorrera no primeiro tempo.

A partir dos 60' o FC Porto passou a assumir um pouco mais o controlo da situação, detendo mais posse de bola, fazendo lembrar a sua excelente entrada na partida. Entretanto, aos 69', Vítor Bruno preparava-se para mexer, lançando Stephen Eustáquio e o estreante Samu, mas o "super-homem" Gyökeres não deixou: correu desde o meio-campo e só foi travado em falta por Otávio na grande área portista. O sueco não perdoou e fez o 1-0, reforçando o estatuto de melhor marcador desta edição da I Liga, com 7 golos. E marcou pela quarta vez aos dragões, contra quem também já fez três assistências.

Logo a seguir ao golo, Eustáquio e Samu acabaram mesmo por entrar, tendo-se ainda juntado do João Mário e Gonçalo Borges, para as saídas de Martim Fernandes, Iván Jaime, Namaso e Vasco Sousa. O FC Porto reagiu bem ao golo, mas também continuava o "festival" Gyökeres, literalmente a dar cabo de toda a defesa portista, com a sua inesgotável força física e capacidade de segurar a bola.

Aos 80' Rúben Amorim fez as primeiras substituições, com Debast e Matheus Reis a renderem Quenda e Quaresma, tendo Vítor Bruno respondido com a entrada de Fran Navarro para o lugar de Alan Varela, "atirando" completamente a equipa para a frente.

Já com Daniel Bragança no lugar de Hjulmand, o Sporting dispôs de muito espaço para o contra-ataque, em duas situações faltou-lhe melhor definição final nos lances, mas Geny Catamo acabou com as dúvidas, estabelecendo o 2-0 final.

Schmidt diz adeus 830 dias depois de frase marcante. Rui Costa quer sucessor em breve

BENFICA Cinco pontos perdidos em quatro jornadas de exibições fracas foram a justificação apresentada pelo presidente dos encarnados para o despedimento do alemão. "Novo treinador será conhecido nos próximos dias", garante.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

830 dias depois de ter dito a frase "quem ama o futebol, ama o Benfica", Roger Schmidt faz as malas e deixa de ser o treinador do Clube da Luz. O anúncio foi feito ontem, às 17.20, num curto comunicado à CMVM, em que a SAD encarnada informava que tinha iniciado negociações "para a cessação do contrato de trabalho desportivo com efeitos imediatos". Pouco mais de uma hora depois, o presidente Rui Costa, que em Moreira de Cónegos tinha deixado a bancada de forma intempestiva quando o Moreirense se adiantou no marcador, explicou as razões da decisão no Benfica Campus, no Seixal.

"Roger Schmidt já não é treinador do Benfica", começou por dizer, para depois explicar a razão pela qual manteve o alemão para esta época: "Pretendíamos estabilidade, mas ao fim de quatro jornadas face aos resultados e às exibições que tivemos, considerámos que era o momento de trocar de treinador." O presidente dos encarnados agradeceu depois o trabalho desenvolvido no clube por Schmidt – "um grande homem, com quem a relação não foi minimamente beliscada" – e revelou estar "já a trabalhar" na contratação de um novo técnico, que "irá assumir funções ainda antes do regresso da equipa aos treinos", na sequência da paragem para as seleções.

Questionado sobre se Leonardo Jardim estaria em cima da mesa, recusou falar em nomes, acrescentando que tem "a plena convicção de que o Benfica pode conquistar títulos" ainda esta época e explicou porquê: "Não construímos um plantel para Schmidt e o próximo treinador irá confirmar que tem jogadores com qualidade suficiente para trabalhar. O objetivo é contratar alguém que adote o mesmo sistema tático."

Confiante no futuro, Rui Costa disse que "apesar de já ter perdido cinco pontos, há margem para dar a volta à situação".

Sobre o facto de não ter rescindido com o treinador no final da última época reforçou a ideia de que procurava estabilidade, mas não só: "Não temos bolas de cristal e acreditámos que era possível repetir o futebol do primeiro ano de Roger Schmidt. E foi com essa convicção que tomei a decisão. Naquele momento considerei que o melhor era continuar. Agora, o melhor é sair."

Ao mesmo tempo que vão decorrer negociações com o novo treinador "que seja uma garantia para o futuro", irão ser negociados os termos da rescisão com Schmidt, sendo que o objetivo será não pagar os cerca de 20 milhões de euros a que terá direito.


Roger Schmidt deixa o Benfica após 115 jogos, nos quais alcançou 80 vitórias, 20 empates e 15 derrotas.

MIGUEL PEREIRA / GLOBAL IMAGENS

Um divórcio anunciado

A empate em Moreira de Cónegos (1-1) foi a gota de água que fez transbordar o copo da paciência do presidente do Benfica, o único que ainda segurava o treinador alemão e que fez questão de o manter no final da última época, apesar de todos os insucessos da equipa, que falhou a conquista do campeonato, foi eliminado na na fase de grupos da Liga dos Campeões, nos quartos-de-final da Liga Europa, nas meias-finais da Taça da Liga e da Taça de Portugal.

Depressa os adeptos do Benfica se esqueceram do futebol encantador da primeira época, que valeu a Roger Schmidt a renovação de contrato até 2026, precisamente até ao final do mandato da direção presidida por Rui Costa, que fazia questão de dizer que o alemão era o treinador do seu projeto. É certo que os encarnados acabaram por ser Campeões Nacionais, embora com uma quebra acentuada de rendimento da equipa.

No final da primeira época, já se ouviam os primeiros sinais de desconfiança, que a vitória na Supertaça frente ao FC Porto, camuflaram. Só que uma entrada em falso na I Liga, com a derrota no Bessa com o Boavista, e quatro derrotas nas primeiras quatro jornadas da *Champions* fez disparar os alarmes dos adeptos.

A contestação foi aumentando de tom e os lenços brancos aumentaram nas bancadas onde o Benfica jogava. A relação de Schmidt com os adeptos tornou-se mesmo insustentável, mas o presidente manteve-se imune à pressão e no final da temporada passada anunciou a continuidade do alemão, admitindo erros que seriam corrigidos para a nova época. "Sim, ficámos aquém do que queríamos. Sim, foram cometidos erros que já estão identificados e vão certamente ser corrigidos para esta nova temporada", disse o líder benfiquista a 15 de junho.

Foram feitas contratações para equilibrar o plantel, mas a saída de João Neves e David Neres, bem como as opções discutíveis para formar a equipa, que já vinham do ano anterior, irritaram os adeptos, que foram ao limite com o arranque da época desastroso, com uma derrota humilhante em Famalicão, o mesmo sítio onde na época anterior o Benfica tinha entregado o campeonato ao Sporting. Seguiram-se vitórias pouco convincentes em casa com Casa Pia e Estrela da Amadora.

Na sexta-feira, o empate nos instantes finais, de penálti, acabou por ser a gota de água que transbordou ontem, após uma conversa entre treinador e presidente.

Roger Schmidt deixa a Luz pela porta pequena, depois de um início muito prometedor. No currículo fica um título de Campeão Nacional e uma Supertaça em 115 jogos oficiais, nos quais contabilizou 80 vitórias, 20 empates e 15 derrotas. Além disso, fica ainda com os créditos de ter apostado em jovens jogadores como João Neves, António Silva, Tomás Araújo, Tiago Gouveia e até João Rego no seu último jogo, além de ter potenciado Enzo Fernández ou Gonçalo Ramos, que à semelhança de Neves, renderam muitos milhões ao Benfica.

carlos.nogueira@dn.pt

Marcos Leonardo de saída por 40M€

Marcos Leonardo deverá ser anunciado nas próximas horas como reforço do Al Hilal, da Arábia Saudita. A notícia foi avançada ontem pelo especialista em mercado Fabrizio Romano, que garantiu estar o negócio fechado por 40 milhões de euros. O avançado brasileiro, que marcou o golo do empate do Benfica em Moreira de Cónegos poderá ser mais uma baixa importante para o futuro treinador dos encarnados. Questionado sobre esta transferência, Rui Costa recusou ontem fazer quaisquer comentários. Marcos Leonardo vai auferir um salário de cinco milhões de euros líquidos e passará a ser treinado por Jorge Jesus.



A viagem a Madrid.

Sofia Marques
"Neste documentário, os meus olhos observam os olhos do Luís Miguel Cintra a olharem o mundo"

EM SALA Um documentário de sereno esplendor, em estreia nos cinemas, *Verdade ou Consequência?* dá entrada no teatro imaginário de Luís Miguel Cintra, o ator que deixou os palcos, mas continua a ter sonhos quixotescos. O DN conversou com a realizadora.

ENTREVISTA **INÊS N. LOURENÇO**

"Como é que se filma o Luís Miguel Cintra? Com que lata é que se aponta uma câmara para aquela maravilhosa criatura?" As interrogações de Sofia Marques são legítimas, mas o trabalho está feito: em *Verdade ou Consequência?* a atriz e realizadora filma o grande homem do teatro e do cinema, seu amigo, procurando as imagens e palavras justas e apoiando-se num guião solto, ou inexistente, para lhe agarrar o movimento da memória e da imaginação. Um movimento sincero e suave, triste e alegre, quente e impressionista. Como um quadro capaz de guardar todas as sensações do presente, ou a página de um livro aberto aleatoriamente, que deve continuar assim, com a vida a pulsar na letra impressa.

Em entrevista ao DN, Sofia falou do prazer que foi "estar em casa" com Luís Miguel Cintra durante uns tempos e, no fundo, captar a sua verdade interior. Provavelmente, a verdade que Jean Renoir procurou nos filmes coloridos da última fase da sua obra, como *A Comédia e a Vida* (1952), com Anna Magnani, e *Le Petit Théâtre de Jean Renoir* (1970), ambos citados no documentário, ambos reflexões artificiosas sobre a relação entre o teatro e a vida. Cintra escolheu o teatro e, ainda que esteja retirado dos palcos, este palpita em cada segundo de um olhar humanamente fascinante – não por acaso, *Verdade ou Consequência?* venceu o Prémio do Público no DocLisboa de 2023.

No início do *Verdade ou Consequência?* há uma espécie de declaração de intenções: a Sofia quer conversar com o Luís Miguel Cintra. E para nós, espectadores, trata-se também de matar saudades de um gigante. Como é que se definiu a vossa proximidade ao longo do tempo, no sentido de tornar estas conversas naturais?

Eu entrei com 19 anos no Teatro da Cornucópia, o que significa que acabei por me formar, até como pessoa e cidadã, junto de quem faz parte dessa companhia, particularmente, o Luís Miguel Cintra e a Cristina Reis. E todas as conversas, desde os meus 19 anos até à idade que tenho hoje, 48, foram sendo aprofundadas, da mesma maneira que a minha relação com o Luís

Miguel foi ficando diferente, muito mais próxima e familiar – neste momento, considero-o uma pessoa da minha família, sem dúvida nenhuma! Para além disso, o facto de ter integrado cerca de 30 peças encenadas por ele, de ter sido sua assistente de encenação umas três vezes... São horas e horas a estar junto daquela cabeça, do seu modo de pensar e de ver o mundo, em especial, do seu modo de pensar a vida através da arte que faz. Portanto, é algo a que já estava muito habituada, e quando comecei a ter estas conversas filmadas, foi difícil para ambos, porque correspondeu ao momento em que o Teatro da Cornucópia deixou de existir. Dito isto, talvez inconscientemente – e pegando no que disse sobre as saudades do Luís Miguel – eu não quisesse deixá-lo ir embora. Não queria passar por essa sensação de "não saber dele há tanto tempo".

E qual foi o primeiro passo do filme?

Foi uma coisa muito espontânea: tínhamos ido a Espanha para apresentar o meu outro documentário, *Ilusão* [2014], e ele perguntou-me se eu já tinha visto o quadro do Picasso que está no Museu Rainha Sofia, o *Guernica*. Quando lhe disse que não, o Luís Miguel, logo: "Então tenho de mostrar-te o quadro, porque é muito importante que o vejas!" E foi dos momentos mais bonitos da minha vida com ele. Decidi naquele instante que queria mostrar às pessoas o Luís Miguel a que tenho acesso de uma maneira tão fácil. Nesse dia, apresentei-lhe o desafio de um filme baseado nele, mas à volta da nossa intimidade e confiança mútua.

Por falar em espontaneidade, há muitas frases bonitas que ele diz espontaneamente, ideias preciosas lançadas num discurso entre a pura informalidade e a erudição. Este é o verdadeiro Cintra?

É completamente o verdadeiro Cintra. Aliás, nada é manipulado neste documentário, nem mesmo a música que se ouve, ou quando ele está ao computador num domingo chuvoso na sua casa de Vila Nova de Gaia... É das coisas que não se esquece: um fim de tarde invernoso mas muito confortável, em que apetecia estar ali com ele, não estando nada a acontecer. Estávamos em pausa, e no entanto eu senti que estava a acontecer tudo – é um pouco como se conseguisse ver com os olhos que me ensinaram a olhar o mundo. A propósito (e isto não entrou no filme), tenho imensas fotografias, tiradas ao longo do tempo passado com ele, em que o tema é "o Luís Miguel a fotografar alguma coisa". E essa ideia esteve sempre na base do filme: aqui são os meus olhos a observarem os olhos dele a olharem o mundo. De resto, coisas bonitas tenho em imenso material, mas claro que não dava para pôr tudo.



A(s) câmara(s) sobre Luís Miguel Cintra.



O olhar de Sofia Marques.

Diria que fugiu ao documentário convencional e fez sobretudo um filme de "impressões" da vida dele...

Sim, há tanta informação na internet, e mesmo aquilo que ele escreve... Eu quis seguir um lado mais original, que inclusive tivesse mais a ver com o próprio Luís Miguel – ele não é um ser organizadinho, é uma criatura muito livre, uma cabeça muito contraditória, sentimental, provocadora, lá está, original! Ou seja, sempre achei que o filme deveria ter uma estrutura desorganizada dentro de uma certa organização, à imagem dele. E isso fez com que andasse constantemente à procura de momentos que surgissem de forma natural; nunca lhe disse nada do género "vamos agora filmar aquela parte". Eu estava simplesmente ali em casa, durante horas e horas... na verdade, anos! Começámos por filmar em Madrid, onde ele nasceu, e depois, com as precauções da pandemia, a equipa ficou reduzida a mim própria, o que também contribuiu para que nada caísse no convencional. A mim apetecia-me algo poético, irreverente, quase a bater na ficção. Porque é uma história a ser contada, não é um documentário puro e duro em termos de narração de factos.

> *"Percebi, no processo de ir à procura dele, que o próprio estava à procura de um outro Luís Miguel Cintra, que lhe desse motivação para continuar a viver, sem ser só através da construção dos espetáculos."*

O plano de rodagem manteve-se mais ou menos o mesmo ou teve uma evolução inesperada?

Inicialmente, tinha vontade de fazer muitas viagens com ele, a lugares que fazem parte da sua formação, países que dizem algo da sua história pessoal. Mas com as limitações que se impuseram, percebi que essas viagens não eram fundamentais – a de Madrid, sim, porque além de ser o seu local de nascimento, é uma cidade pela qual ele continua a sentir uma atração enorme; pela cultura espanhola em si. E depois toda a reflexão causada pelo confinamento, o significado da casa, o facto de ser o lugar onde nos sentimos mais seguros... tudo isso moldou o filme. Mais uma vez, é o mundo visto a partir da casa.

Aliás, a memorabília parece-nos aqui muito importante. Ele é apegado aos objetos, não é?

É, muito, muito... Na casa de Lisboa tem uma autêntica coleção de personagens. E isso foi um aspeto muito engraçado, porque eu não sabia como filmar aquelas imagens [sacras], e só à medida que me habituei a elas é que consegui escolher as que me interessavam mais, as que se destacavam na nossa vivência quotidiana, as que, de certa maneira, eram as espectadoras dos nossos dias.

Outro dos aspetos comoventes é o facto de ter permitido que ouçamos nitidamente a respiração pesada do Luís Miguel Cintra. É uma forma de sinalizar o próprio corpo vivo que é o filme?

Para mim, a respiração é a protagonista do filme – é o pulsar, é a vida, é o insistir, é a teimosia, é o andar para a frente e querer mudar o mundo. E assumi que não seria um problema. Se calhar para qualquer profissional do som aquela respiração é um obstáculo, por ser algo que o espectador sente muito, que está connosco o tempo todo. Mas eu gosto muito: é o coração.

Entre o teatro e o cinema, Cintra escolhe o teatro. Mas recorre ao cinema, através de dois filmes de Jean Renoir, para demonstrar esse amor pelo teatro na relação com a vida... Há distinção entre as duas artes?

Acho que, para ele, não existe muita diferença entre o teatro e o cinema: ele é o ator por excelência. A maneira como trabalhou no cinema foi com o mesmo rigor e empenho que o vimos trabalhar no teatro, enquanto encenador e ator. Esses filmes [*A Comédia e a Vida* e *Le Petit Théâtre de Jean Renoir*] foram uma forma de traduzir a sua escolha pelo teatro, em vez da vida. É por isso que, neste momento, sem o teatro, ele não é feliz – a vida só lhe interessa na medida em que lhe permitia pensar a sua arte; ele depositava-a na arte. Agora retirado, a vida custa-lhe e pesa-lhe. Mesmo que ainda tenha imensas capacidades intelectuais para continuar a fazer os espetáculos: encenou três já sem a Cornucópia.

Precisamente, também o vemos aqui a ser encenador...

Sim, mas a minha vontade era mostrar o homem. Muitas pessoas imaginam-no como um homem duro, pouco acessível... Um super-homem! E eu gostava que se sentisse, em primeiro lugar, a sua condição de homem igual aos outros. Quis dar ao espectador o acesso que tenho ao Luís Miguel, naquela informalidade de nos sentarmos com ele para conversar, porque ouvir o que tem para dizer é sempre muito prazeroso. E percebi, no processo de ir à procura dele, que o próprio estava à procura de um outro Luís Miguel Cintra, que lhe desse motivação para continuar a viver, sem ser só através da construção dos espetáculos. Foi um caminho de aprendizagem, às vezes bastante duro, que desenvolveu ainda mais a admiração e amor que lhe tenho.


Jude Law, um agente federal à caça de racistas extremistas.

MICHELLE FAYE

Veneza 81. Jude Law voltou realmente, mas Harmony Korine nem tanto

FESTIVAL Um Jude Law maior num filme menor, a memória de John Lennon e Yoko Ono num documentário decisivo e Harmony Korine a arriscar e a não petiscar. Assim vai o Festival de Veneza ainda a recuperar da explosão Nicole Kidman...

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM VENEZA

Depois dos orgasmos falsos (e verdadeiros) de Nicole Kidman no terapêutico *Babygirl*, a competição ontem serenou com *The Order*, de Justin Kurzel, um *thriller* com Jude Law e Nicholas Hoult sobre supremacistas na América dos Anos 1980. E arrefeceu porque esta história verdadeira sobre terrorismo interno cometido por supremacistas brancos é um exercício de funcionalismo narrativo sem nada para mostrar.

O australiano Kurzel segue todos os *clichés* do género: um agente do FBI (Jude Law) com problemas pessoais – bebe e fuma muito – um líder nazi (Hoult) com ar de santinho e um polícia novato (Tye Sheridan) com demasiadas boas intenções. São lugares comuns atrás de lugares comuns numa investigação federal que arranca devido a uma pista de assaltos a bancos. Mais tarde, percebem que há uma organização extremista na Nação Ariana a autofinanciar-se com assaltos a bancos e com um plano para derrubar o Governo americano.


Harmony Korine, cineasta a interessar-se pelos efeitos da Inteligência Artificial.

Saudades de Betrayed

De alguma maneira, é um filme que fica embaraçado na comparação com *Atraiçoados*, filme de Costa-Gravas de 1988 que também espreitava para o interior desse terrorismo doméstico. Se o cineasta grego era subtil na crónica desse racismo criminoso americano, Kurzel só faz género, sem novidade, sem rasgo, mesmo quando manifesta esse desejo de captar uma memória da História americana para jogar com esta ameaça que se sente como trumpismo que quer voltar.

> Em *Baby Invasion*, Harmony Korine põe-nos dentro de um videojogo ultraviolento onde os participantes se tornam assaltantes de mansões e matam quem surge à sua frente.

The Order é um equívoco estar em competição. Talvez valha apenas pelo trabalho de Jude Law, ator que faz das marcas da idade um trunfo calejado. É daqueles casos em que basta respirar para ficarmos tomados pela personagem.

O excesso sensorial de Korine

Mas uma das sessões com maior fila de espera de desistências (a única forma de entrar nas sessões todas previamente esgotadas antes do começo do certame) foi a de *Baby Invasion*, a nova experiência visual de Harmony Korine, risco sem cálculo mostrado fora-de-competição. O cineasta de *Spring Breakers* está numa fase de filmes experimentais agudos, este a imaginar e a colocar-nos dentro de um videojogo ultraviolento onde os participantes se tornam assaltantes de mansões e matam quem surge à sua frente.

Tal como no anterior, *Agro Dr1ft* tudo em modo de câmara subjetiva e ao som de música eletrónica com volume insano dos Burial, mas desta vez sem pistas narrativas ou outro tipo de bóia de salvação para o público. Um salve-se quem puder que só poderá impressionar quem não viu a experiência anterior.

No limite, é mesmo isso: apenas um filme de cobaia de festival. Só mesmo os fãs mais acérrimos do cineasta o desculpam por esta teimosia aguda. Talvez numa galeria, talvez...

Lennon para sempre

Na secção documental entusiasmo generalizado por *One to One – Yoko & John*, de Kevin MacDonald, odisseia de imagens de arquivo sobre o começo da vida de John Lennon e Yoko Ono em Nova Iorque. Um prodígio de velocidade de edição, um pouco para rimar com o conceito de *zapping* – o casal ficou viciado na possibilidade de ver televisão 24 horas por dia no seu pequeno apartamento de Green- wich Village. Um *zapping* sobre a América de Nixon e dos pacifistas, entrelaçado por excertos do concerto de Lennon *One to One* a favor das crianças deficientes mentais.

Kevin MacDonald, cineasta de *O Último Rei da Escócia* aproveita toda a carga mitológica para nos lembrar da força de uma América contestatária, a mesma América que contagiou Lennon. Um objeto a todos os níveis vertiginoso feito para pensarmos nesta América de hoje.

É só pena às vezes perder-se por aspetos colaterais, sobretudo as questões em torno do mistério do desaparecimento da filha de Yoko Ono. Ainda assim, evita sempre a nostalgia mais manipulativa.



Entre as imagens
João Lopes

Em tempo real

Cada vez que ouço um leitor de notícias televisivas, ou um dos seus repórteres, a proclamar que aquilo que nos está a ser mostrado acontece "em tempo real", sinto vontade de lhes perguntar: quando é que o tempo é irreal?

Meio século depois do 25 de Abril, a democracia gerou este invencível tabu: não se fazem perguntas sobre o dia a dia na televisão, não se discutem as suas linguagens e os respetivos efeitos sociais. Para lá de muitos contrastes interiores (por vezes fascinantes, não é isso que está em causa), a paisagem televisiva impôs – democraticamente, sem dúvida – uma cultura feita de *avalanches* de novelas, futebol e *Reality TV*. A reflexão sobre o tratamento do tempo esbarra, assim, na mesma pueril vulgaridade com que, noutro domínio (mas talvez seja o mesmo…), continuamos a usar a expressão "sexo explícito", também sem perguntar, por exemplo, que qualidades reconhecemos no "sexo implícito" das telenovelas.

Nada disso interessa os regentes do nosso imaginário audiovisual, quase todos empenhados na mesma tarefa ideológica: garantir que as linguagens do pequeno ecrã não possam ser assunto de reflexão, consagrando-as como produto de um "naturalismo" sem alternativa. Daí o simplismo da expressão "em tempo real" – estar em tempo real seria o triunfo de um qualquer direto televisivo.

O direto televisivo passou mesmo a ser aplicado como apoteose do próprio "conceito" de televisão. Todos os dias, nas televisões de todo o mundo, há exemplos de "enviados especiais" a muitos milhares de quilómetros de distância, protagonizando diretos em que se limitam a repetir as mesmas informações que ouvimos pela boca do "*pivot*" em estúdio. Porquê? Sobretudo para quê? Para os vermos num cenário alternativo… em tempo real.

Há outra maneira de dizer isto, perversamente marxista nas suas raízes, ainda que as esquerdas tenham desistido de enfrentar a sua complexidade, enquanto as direitas, heroicamente, se dão ao luxo de nunca terem pensado no assunto. É uma maneira que decorre da lógica dominante dos mercados: o tempo, sobretudo se for possível colar-lhe o adjetivo "real", é uma mercadoria altamente rentável. Veja-se o futebol: pagamos quantias obscenas para ver os jogos em direto porque, em boa verdade, o "tempo real" é, neste caso, de modo muito literal, uma insubstituível mais-valia.



***Metropolis* (1927): a tragédia do trabalho e do tempo.**

Para mal dos nossos pecados, o tempo obstina-se em ser sempre visceralmente real. Porquê? Porque o tempo de um desastre tratado em apocalípticas horas de imagens e palavras redundantes é tão real para todos nós, consumidores, quanto o tempo do pesadelo mais perturbante é real para o seu incauto sonhador.

Não há maneira de "irrealizar" o tempo porque também não há maneira de dele sair. Quem gosta de cinema, sabe isso: a vertigem de uma comédia burlesca de Woody Allen ou uma aventura galáctica filmada por Stanley Kubrick são o que são porque acontecem no interior de uma duração temporal da qual não há saída possível – mesmo a ficção mais delirante partilha connosco o tempo de uma experiência inevitavelmente real.

> **"Nos ecrãs caseiros, o direto televisivo passou a ser o retrato simplista das nossas vivências sociais."**

Recordemos o exemplo modelar do clássico mudo *Metropolis* (1927), de Fritz Lang: as barreiras materiais e simbólicas que separam operários e patrões são, certamente, evidentes, mas se tais barreiras alimentam as convulsões da tragédia, isso decorre do caráter inelutável do tempo em que todos existem e que, de alguma maneira, partilham – sem esquecer que, no filme, os relógios têm mostradores de 10 horas, a duração de um turno de trabalho.

Ainda que através de componentes muito diferentes, comunismo e catolicismo pontuaram o século XX com a crença num "além" em que tudo se harmonizaria – um outro tempo, portanto. As respetivas crises contemporâneas são também o espelho do aniquilamento da dimensão sagrada nas nossas sociedades. Agora, "em tempo real", temos o ecrã televisivo para fingirmos que acreditamos na patética coerência social das nossas solidões. Tudo isso é tão óbvio que só me resta pedir desculpa ao leitor pelo tempo que lhe tomei.

Jornalista

PROVA DE VIDA*
MARCO PAULO

POR **ANTÓNIO ARAÚJO**



VÍTOR HIGGS/DN

Quando se pesquisa e garimpa o seu nome por essa Internet fora, o que o Google nos devolve são coisas aterradoras – "Marco Paulo Cancro", "Marco Paulo Idade" ou "Marco Paulo Esposa" –, como se pudéssemos resumir àqueles tópicos sinistros a existência terrena, de resto enternecedora e belíssima, de um dos mais populares cantores portugueses, com mais de cinco milhões de discos vendidos, que viu a luz em Mourão aos 21 de Janeiro de 1945 com o nome de baptismo João Simão da Silva e que se mantém celibatário ao fim de 79 anos, mais recentemente marcados pela ocorrência de sucessivos tumores malignos: no abdómen, na mama, no pulmão e agora no fígado (além de uma grave falha renal em 2017).

Um prodígio de sobrevivência, está visto, mas que não começou ontem nem hoje, bem longe disso, e que pode ser datado inclusive até à mais tenra infância, mormente ao momento em que o Joãozinho, como assim era chamado, quase ia morrendo afogado num tanque de água bem fundo, desses de lavar a roupa, valendo-lhe nesse transe, como em muitos outros da sua vida, a acção salvífica da sua mãe sempre querida, Maria Isabel Simão Caeiro, que o resgatou de um fim mais que certo: com infinito desvelo, Isabel tirou-o do tanque fundo, virou-o de barriga para baixo e fê-lo regurgitar as muitas águas que tinha ingerido, num arrepiante episódio que o astro de *Mais e Mais Amor* recorda da seguinte forma: "O que eu sei é que se a minha mãe não estivesse ali presente e não me tivesse socorrido naquele dia, a história de Marco Paulo nunca teria existido."

João tinha então seis anitos e tudo isto se passou em Celorico de Basto, terra onde deu o seu primeiro beijo, o qual teve por obscuro objecto do desejo uma menina da sua idade de que hoje nem sequer recorda o nome, mas que lembra ser "muito bonitinha, de cabelo louro, que de vez em quando ia lá a casa." E o afogamento e o beijo ocorreram em Celorico porque era lá que o seu pai, João Marques e Silva, um austero funcionário das finanças, havia sido colocado, mas, como estamos a embrulhar um pouco a história, convém remontar às primícias ou, como diria Maquiavel, *ridurre ai principii*, no caso ao Baile das Pinhas, anualmente realizado na Aldeia da Luz, hoje também afogada, pois foi aí e então que Maria Isabel, moça de invulgar beleza, que antes trabalhara no campo, na monda e na apanha da azeitona, mas que agora servia como dama de companhia numa casa de gente abastada, conheceu o rapaz João, que era beirão de Manteigas e filho de um cabo da GNR colocado além-Tejo. Nessa noite quente de Verão, com a abóboda lá no alto toda cravejada de estrelas, Maria Isabel bailou quanto pôde com aquele rapaz bem-falante, com fama de namoradeiro e, rezam as crónicas, muito disputado pelo mulherio campesino. Conversaram-se, namoraram, casaram anos depois, tiveram quatro rebentos, floridos por esta ordem: Ernesto, Fátima, João e Alfredo. Com os dois primeiros, João conviveu pouco, já que Ernesto era seis anos mais velho do que ele, e Fátima, quatro anos mais velha, estava a viver em Lisboa com a avó paterna, por umas questões de saúde que aconselhavam, por indicação médica, que tomasse banhos de sol e andasse com os pés na água do mar.

Estamos, portanto, em Janeiro de 1945, poucos meses antes do findar da Guerra Mundial, e a família vivia numa casa humilde, de divisões acanhadas e terra batida, naturalmente sem luz eléctrica. Tem o cantor o projecto de a converter em museu, com as receitas das entradas a serem usadas para ajudar "as crianças com cancro que vivem na província", informou o Marco à revista *Nova Gente* (cf. "A Televisão", de 11/4/2024). Fomos, como é óbvio, compulsar as actas das reuniões camarárias mouranenses, disponíveis em linha, e, efectivamente, aos dias 20 de Março de 2023, pelas 10 da manhã, na Sala de Sessões dos Paços do Município, na presença do presidente João Fernandes Fontes e da vice-presidente Maria Luísa Poupinha Ralo, entre outras individualidades, além do protocolo com a Clínica Sorriso Vaidoso, cremos que em matéria de ortodontia, e além da questão do escoamento das águas dos polibans nos sanitários do Lar da Granja, ventilou-se a visita efectuada, no dia 13 desse mês, "à casa do cantor Marco Paulo na sequência das declarações que o mesmo proferiu à imprensa sobre a intenção de ter um museu. Manifestou a disponibilidade do Município no sentido de arranjar um espaço para o seu acervo, sendo que caso tal iniciativa se concretize fique salvaguardada a hipótese da receita a angariar ser destinada a uma instituição que se dedique ao acompanhamento de crianças que sofram de doenças oncológicas."

Foi nessa casa que Marco Paulo viveu até aos cinco anos de vida, uma infância feliz e humilde, marcada pelo racionamento e pela carência de bens essenciais. João/Marco nasceu em casa, como era costume naquele tempo, com o auxílio de duas parteiras vizinhas, uma das quais ainda chegou a conhecer. À época, o seu pai, que antes estivera empregado numa farmácia, trabalhava já nas finanças, mas o ordenado mal chegava para alimentar quatro filhos. João só viu uma mesa farta, com bolos e uma garrafa de vinho do Porto, no dia do seu baptizado, que teve lugar na Matriz da Nossa Senhora das Candeias, sendo o padrinho "o sobrinho de um casal vizinho, com que eu costumava almoçar e passear de charrete várias vezes" e a madrinha "uma jovem espanhola muito bonita", amiga de casa, natural de Vila Nueva del Fresno, lê-se na bela biografia *Marco Paulo. Palco, Amores e Fé. As Histórias Nunca Contadas*, da autoria de Miguel Azevedo (Cofina Media Books, 2019).

Como era Portugal: Marco Paulo conta-nos que, em criança, sempre que podia, escapulia-se até à escola do irmão mais velho na esperança de que algum menino tivesse faltado às aulas, o que lhe dava o direito a ficar com o pão com manteiga e o copo de leite destinados ao faltoso. Na casa dos seus pais, era raro beberem leite, o que ainda hoje não impede o cantor de *Taras e Manias* de considerar ter tido "muita sorte em nascer naquele meio" e de ter "um orgulho enorme em dizer que as minhas raízes estão ali." As mulheres do campo trabalhavam de sol a sol, 12 a 14 horas por dia, "a maior parte das vezes mal alimentadas, apenas com pão, azeitonas, chouriço e toucinho." Porém, acrescenta, "parecia que andavam sempre felizes", pelo menos aos olhos de uma criança pequena, que as via e ouvia en-

quanto iam e vinham do trabalho a cantar em coro ou ao desafio: “Quando o sol se punha, lá regressavam elas a casa para tomarem conta dos filhos e fazerem o jantar. E, uma vez mais, voltavam a cantar.” Noutras ocasiões, João ia brincar para as eiras, onde, de novo, grupos de mulheres e homens cantavam entre si, sem se aperceberem que, com isso, contribuíam para a formação musical de um dos mais populares cantores portugueses do século XX (e, já agora, do primeiro quartel deste XXI).

Mourão é hoje uma lembrança remota, uma terra onde Marco Paulo deixou poucas amizades, desde logo porque, ao contrário do irmão mais velho, não frequentou a escola da terra e, por isso, não tem hoje colegas daquele tempo. Ainda assim, sempre que lá vai faz questão de ir à Igreja da Nossa Senhora das Candeias, onde cumpre dois rituais: benzer-se à entrada, por um lado, e, por outro, espreitar a pia baptismal onde foi iniciado na fé que ainda hoje mantém, sem dramas nem sobressaltos.

A profissão do pai levá-lo-ia a ter uma vida itinerante desde muito novo: quando tinha cinco anos, a família mudou-se para Alcabideche, depois para Arcos de Valdevez e a seguir para Celorico de Basto. Uma vez mais, onde outros veriam um infortúnio nesta constante errância, Marco Paulo, sempre luminoso, sempre radioso, encara-a como o factor-chave da sua trajectória artística: “Se não fosse a profissão do meu pai, que nos permitiu andar pelo país, se calhar ainda estaria em Mourão a trabalhar numa farmácia ou num escritório qualquer. Não seria a pessoa que sou hoje e não seria, certamente, um homem feliz.” Caso para dizer: maravilhoso coração, maravilhoso.

Maravilhoso é também outro episódio: muitos anos volvidos, quando já era uma estrela cintilante no firmamento musical nacional, Marco Paulo foi visitar a Pensão Central, em Arcos de Valdevez, onde a sua família se instalou durante alguns meses após terem chegado àquela localidade. Os donos da Pensão Central nem queriam acreditar quando lhes disse que, em miúdo, passara lá uma boa temporada, da qual guarda, como sempre, excelsas recordações. Foi em Arco de Valdevez, aliás, que o seu pai comprou um aparelho de rádio, daqueles monumentais, colocados em lugar de honra em todas as salas de estar. Qual *ersatz* das lareiras de outrora, era em torno dele – e dos seus botões para ondas médias ou curtas – que a família Silva se reunia nas noites de Natal, para ouvir, em absoluto silêncio, a transmissão radiofónica da Missa do Galo. Nessa ocasião, cada um dos filhos tinha na mão um santinho de papel, que Maria Isabel guardava religiosamente numa gaveta, para distribuir pela prole na Noite Santa. O patriarca, ao que parece, era protestante, o que não o impediu de tentar que João entrasse no seminário, desde logo para o desviar de uma vocação musical que ia despontando aos poucos, nos intervalos das transmissões das missas, quando a futura voz de *Morena, morenita* aproveitava a distração dos adultos para ouvir, enlevado, os fados e as canções de Maria de Fátima Bravo, Maria José Valério e Tristão da Silva. Mais tarde, seria também no rádio de família, que um dia a mãe lhe ofereceu, que escutou as emissões trissemanais do programa “Voz da Liberdade”, feitas a partir de Argel, narradas por outra garganta famosa, Manuel Alegre. Ao tempo, porém, era pouco ou nada politizado, característica que em larga medida se mantém, naquela que constitui outra prova, mais uma, da sensatez e do bom gosto do artista que conhecemos por Marco Paulo, na infância alimentado a sopas de cavalo cansado, pelo menos no tempo em que a sua família residiu em Celorico, por sinal numa casa que ficava por cima de uma adega. O dono desta adorava ver aquele miúdo a cantarolar e, em sinal de gratidão, presenteava-o com uma mistela revigorante de broa de milho, vinho e açúcar, ainda hoje recordada: “Eu sabia que aquilo que me davam para comer tinha vinho, e de vez em quando é possível que me tenha sentido um pouco zonzo, mas os mais velhos diziam que aquelas sopas nos davam força, saúde e ajudavam a crescer.”

Foi em Celorico que, como vimos, João deu o seu primeiro beijo, fugacíssimo, e teve uma experiência de quase-morte, da qual foi resgatado *in extremis* por Isabel, sempre ela. Foi também em Celorico que, segundo diz, passou as Páscoas e os Natais mais felizes da sua vida, ainda que sem brinquedos ou guloseimas, ainda que sem a camioneta de cor vermelha com que sonhou anos a fio, para descobrir, nas manhãs do dia 25 de Dezembro, que no sapatinho estava tão-só um par de meias, ou umas calças, uma camisa ou uma camisola, que ademais tinham de durar um ano inteiro. Facto que, todavia, e como sempre, que não lhe deixou mágoas nem ressentimentos, muito pelo contrário: “é verdade que não existiam brinquedos, mas isso nem era o mais importante para nós. O dia de Natal nunca deixou de ser especial. Era uma alegria quando chegava a hora de nos levantarmos de manhã. Eu e os meus irmãos saltávamos da cama a correr para ver quem chegava primeiro ao sapatinho. (…) Nunca tive brinquedos, porque embora o meu pai fosse funcionário público não era muito bem pago. A minha mãe era doméstica e tínhamos de governar a casa muito bem. Não havia luxos.”



Aos 14, foi convidado a integrar, como vocalista, o rancho folclórico de Alenquer, onde esteve dois anos e graças ao qual pôde percorrer o país inteiro, além de ter namoriscado uma das moças do grupo, naquilo que parece ter sido uma paixão efémera ou, como ele diz, “sol de pouca dura.”

Em 1952, nova mudança, desta feita para Alenquer, primeiro na zona da Vila Alta, numa moradia com quintal, depois para a Vila Baixa, para o quarto andar daquele que era, à data, o prédio mais alto do município, orgulho dos Silva: “fomos nós que o inaugurámos e lembro-me que aquilo foi como que um grande acontecimento para toda a família.” Família agora alargada, porquanto a irmã regressou novamente ao seio do clã, após ter vivido anos na casa dos avós paternos, à Rua Gervásio Lobato, Campo de Ourique.

Em Alenquer, João fez a instrução primária, numa escola só para rapazes, como era timbre do tempo. Não foi aluno brilhante, pecha que justifica por um motivo auditivo: “Por ser muito distraído, as coisas entravam-me num ouvido e saíam-me por outro. Por isso, de manhã não tinha vontade nenhuma de sair de casa para ir estudar. Era um enorme sacrifício”, tormento adensado pelas sevícias que levou no lombo e que ainda hoje guarda no espírito: “Ainda me lembro das muitas reguadas que levei. No Verão eram mais fáceis de suportar, mas no Inverno doíam-me muito por causa do frio. Com as mãos geladas sentia-se mais o impacto.”

João acabaria por aprender a ler e a escrever com uma senhora vizinha, casada com um colega do pai, que vivia duas casas abaixo da sua. Foi com ela e com o marido, e com os dois filhos do casal, o Tozé e a Leninha, que passaria muitas das suas férias, nomeadamente em Porto de Mós, conta-nos o seu biógrafo Miguel Azevedo. Já em matéria escolar, desistiu no final da 4.ª classe, por causa das matemáticas e pese a insistência do pai para que prosseguisse os estudos. A cabeça, porém, andava nas nuvens, a ver os aviões da Base da Ota (chegou a sonhar ser piloto), ou perdida nas canções de Maria José Valério ou Tristão da Silva, que amava cantarolar nos intervalos das aulas ou nos aniversários dos coleguinhas.

Passado o sonho da aeronáutica, teve ganas de ser toureiro, imagine-se, talvez porque os pais o levavam muito a Vila Franca, terra de grande *afición*. Nas memórias desse tempo, outro episódio animalesco, mais precisamente uma ida da família ao Jardim Zoológico de Lisboa. Na véspera, uma algazarra: João nem dormiu, ante a perspectiva de conhecer bichos raros, como ele; e a mãe, de seu lado, passou a noite acordada a confeccionar o farnel da família Silva. No caminho, ainda longo, João veio colado ao vidro da viatura, extasiado ante um mundo novo: “Achei aquilo deslumbrante. Foi um momento muito diferente para nós crianças, até porque não tínhamos acesso a muita coisa. O mundo era totalmente desconhecido.”

De facto, o mais exótico a que Alenquer dava acesso eram os filmes do Joselito, muitas vezes vistos por especial favor do funcionário do cinema, que o deixava entrar de borla já a fita ia a meio. Como é evidente, aprendeu de cor a letra e música de *El Pequeño Ruiseñor*, um dos maiores êxitos do cantor de Belas de Segura, Xaém, hoje um cavalheiro de 81 anos e que, como é sabido, chegou a ser acusado de trabalhar como mercenário em África e foi detido pela polícia de Angola por tráfico de droga e armas, acabando condenado em Espanha a cinco anos de cárcere. Pois bem, uma vez, estava João na rua com os amigos, jogando à bola e trinando músicas de Joselito, quando um dos convidados de uma boda próxima – mais precisamente, o senhor Renato, que tinha uma tipografia e que era muito amigo do seu pai – decidiu fazer uma surpresa à noiva e convidar o miúdo a cantar. João esmagou com *Campanera* (*Porque ha pintao en tus ojeras/La flor de lirio real/Porque te han puesto de seda/Ay, campanera, ¿por qué será?*) e sucede que naquela boda estava o director do jornal *A Verdade de Alenquer*, ou seja um representante da mídia e estava também um tio da noiva que, não muito depois, tinha João 12 anitos, organizou as Festas do Orfanato de Alenquer. Foi lá que João Simão se estreou nos palcos, sendo o cachê nesse ensejo um arroz de cabidela e um punhado de rebuçados.

Aos 14, foi convidado a integrar, como vocalista, o rancho folclórico de Alenquer, onde esteve dois anos e graças ao qual pôde percorrer o país inteiro, além de ter namoriscado uma das moças do grupo, naquilo que parece ter sido uma paixão efémera ou, como ele diz, “sol de pouca dura.”

O pai de João, como vimos austero, é que não achou graça nenhuma a tanta cantoria (de resto, fazia questão, mais tarde, de nunca o ver sempre que aparecia na televisão) e, claro, impôs-lhe que trabalhasse. E João, claro, obedeceu, empregando-

continua na página seguinte »

» **continuação da página anterior**

-se numa farmácia em Santana da Carnota, a oito quilómetros de casa, o que o obrigava a acordar às seis da madrugada para apanhar a camioneta e a passar o dia num trabalho menoríssimo, a tirar rótulos de garrafas, com as mãos mergulhadas numa banheira de água gélida – e tudo isto, note-se, sem ganhar um tostão, apenas para saber quanto custava a vida, enrijecer corpo e alma.

Nisto surgiu o destino, ou o fado, ou os deuses. Um amigo do pai convidou-o para ir até Lisboa, actuar no mítico Café Luso, ao Bairro Alto, e foi aí que se estreou na capital, cantando com "um quadro de Malhoa por detrás" e saindo pela frente debaixo de grande aplauso. Tinha 14 anos.

Nem isso fez desarmar o pai, que, apesar de em novo ter sido músico numa filarmónica, continuou a insistir para que João arranjasse uma profissão de jeito, um emprego para a vida, longe dos fados e das cantorias. A família, entretanto, mudara-se para o Barreiro, Rua Júlio Diniz, n.º 20, e foi lá que o futuro Marco Paulo se matriculou na Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva, "para tirar um daqueles cursos que davam para arranjar trabalho num escritório." A par disso, começou a trabalhar nos escritórios de uma fábrica de plásticos em Coina, propriedade de um turco. Acordava às seis, pegava às oito, saía às cinco da tarde, tinha aulas das nove até perto da meia-noite. Esteve dois anos assim, sem faltar a uma aula. Nas idas e vindas entre casa, o trabalho e a escola passava o tempo a cantar, nunca desistindo do sonho de um dia ser grande artista. Na fábrica, todos admiravam o seu talento e, um dia, recebeu um telefonema salvífico, convidando a actuar na Feira do Marítimo, fazendo a primeira parte de um espectáculo de Madalena Iglésias. Nem hesitou.

Regressado ao Continente, largou a fábrica dos plásticos, para desespero do turco, e decerto de seu pai, e abraçou em definitivo uma carreira artística, que ao tempo já despontava em mil e uma actuações nas colectividades e bailaricos do Barreiro, da Moita, do Montijo, de Setúbal. Com o dinheiro que ganhava em Coina, pagou aulas particulares de canto, primeiro com Corina Freire, depois com a ensaiadora Bia Belo, pianista do conjunto Zé da Silva (e os leitores que nos perdoem, mas não conseguimos apurar mais nada de sobre Bia Belo ou sobre o conjunto Zé da Silva, isto apesar de termos escavado muito, muitíssimo, por essa Internet fora).

Então, por um daqueles súbitos prodígios que trazem o maravilhoso ao mundo, houve duas conjunções astrais, ambas venusianas ou, se quiserdes, femininas: uma tia paterna inscreveu-o num concurso do Rádio Clube Português, a que João compareceu – apesar de não ter vencido, ganhou calo e certa experiência, um módico de notoriedade; por outra banda, e mais decisivamente, no final de uma das aulas com Corina Freire foi abordado por Cidália Meireles, que já ouvira falar dele que viera convidá-lo para cantar num programa que ela, ela Cidália, apresentava na RTP, intitulado "Tu Cá Tu Lá." Perguntam agora as gerações mais recentes, as mais qualificadas de sempre, quem foi, é ou terá sido Cidália Meireles. Esclarecemos que Cidália, juntamente com as irmãs – a saber, a Rosária, ou Rosália, e a Emília, ou Mirita – formou um lendário terceto, conhecido como "Os Rouxinóis de Portugal." Mas nada disso impediu que, num sábado aziago, o autor destas linhas tenha visto, de alma parva e coração em sangue, o espólio de uma das manas Meireles a ser esventrado, eviscerado, desmembrado e vendido ao desbarato no chão da Feira da Ladra. Onde estavam vós, autoridades? Onde estavas tu, Museu do Fado? E mesmo tu, Marco, que és Paulo, logo santo?

É que foi ela, ela Cidália, que lhe franqueou as portas da RTP, numa performance de música ao vivo, para a qual ele, que era menor de 17 anos, teve de obter, inclusive, autorização de seu pai. Mais ainda: como João não tinha repertório, Cidália ofereceu-lhe duas músicas dela, dela Cidália, com letra de Eduardo Damas e música de Manuel Paião, autores, entre outros êxitos, de *Ó Tempo Volta para Trás*, expressão que deu mote e senha a estas "Provas de Vida", que hoje terminam.

A aparição televisiva no programa de Cidália Meireles abriu a João da Silva as portas da glória ou, em termos mais prosaicos, fez com que a prestigiada Valentim de Carvalho o cobiçasse para o seu catálogo, de onde constava o nome do seu ídolo maior, Amália, obviamente. Porém, antes de proceder à gravação do EP com as canções *Não Sei* (versão aportuguesada de *Vorrei*, de Alain Barrière), *O Mal às Vezes é um Bem*, *Estive Enamorado* e *Vê*, João decidiu adoptar um nome artístico, como é próprio das grandes estrelas. Na TV, Cidália apresentara-o como João Paulo, mas desistiu dessa opção, pois já havia uma banda com esse nome, o Conjunto Académico João Paulo (que começara por uma brincadeira de rapazes no Liceu Jaime Moniz, da Madeira, e que depois nos deu maravilhas como *Hully Gully do Montanhês*, *Capri C'est Fini* ou *Milena da Praia*). Assim sendo, pensou-se em Marco António, por um lado por ser uma celebridade da Roma Antiga (a biografia oficial, contudo, não explica esta paixão do João Simão pelas Antiguidades clássicas) e, por outro lado, por os seus pais terem ponderado dar-lhe esse nome, desistindo de tal intento, deveras pecaminoso, poucos dias do nascimento. Por insistência da editora, a nova identidade do cantor deveria resultar da conjugação de dois nomes, mais memorável e vendável, e, crê-se que por sugestão do próprio, escolheu-se Marco Paulo. No celeste firmamento, que antes cobrira os amores dos seus pais no Baile da Pinha, erguia-se agora uma nova estrela, cintilante como poucas.



Por insistência da editora, a nova identidade do cantor deveria resultar da conjugação de dois nomes, mais memorável e vendável, e, crê-se que por sugestão do próprio, escolheu-se Marco Paulo.

E seria já com aquele nome, ou nomes, que João Simão/Marco Paulo editou o seu primeiro disco, em cuja capa aparece recostado a um Porsche 911 vermelho, propriedade de Rui Valentim de Carvalho, fotografia tirada por um funcionário dos estúdios de Paço d'Arcos e que tinha queda para tirar retratos, o senhor Belchior, e sem recurso a cabeleireiros ou maquilhadoras. Quanto ao Porsche, os mais incautos julgaram que era dele, e começaram no gozo, e ele vingar-se-ia anos mais tarde, quando pôde, comprando três Porsches de uma assentada (guarda um deles, um 944). Para os fãs da *retromania*: o EP *Não Sei*, uma peça histórica a vários títulos, está hoje à venda em "O Covil do Vinil" pela apetecível quantia de 10 euros, mais portes.

Um ano depois, em 1967, Marco participou no Grande Prémio TV da Canção, o antecessor do Festival RTP da Canção. Não se saiu bem no confronto com o Duo Ouro Negro, com Eduardo Nascimento (que ganharia com *O Vento Mudou*), com António Calvário e com Maria de Lurdes Resende, ficando em último na grande final, num modesto sexto lugar, com cinco pontos.

Fosse como fosse, o certo é que a sua carreira estava lançada e bem lançada e, nesse mesmo ano de 1967, foi convidado a gravar um disco em dueto com aquela que era já ao tempo uma monstra sagrada da canção portuguesa, Simone de Oliveira. Ao lado de Simone, em sincronia perfeita, perpetraram *Tu Só Tu*, versão do *Somethin' Stupid* de Frank e Nancy Sinatra, mas com uma nota transformista: no ersatz lusitano, é Simone quem faz de Frank e Marco quem encarna Nancy, por razões e motivos a que só a produção saberá responder.

Não foi esse, porém, e bem longe disso, o único pastiche de êxitos estrangeiros que Marco Paulo realizou: muito antes do mítico "Só Liguei Para Dizer Que Te Amo", já o rouxinol de Mourão havia concretizado prodígios como *S. Francisco*, dos Mamas & the Papas, (*Se tu fores a São Francisco/Leva flores no teu cabelo* e uma capa piramidal), *Oh! Lady Mary* (*Oh! Lady Mary / Desde o dia que te vi / Oh! Lady Mary / Eu ando louco por ti*, com arrepiantes coros e outra capa assombrosa), a balada julioiglesiana *Gwendolyne* ou *Fala Amorosamente*, que é nem mais nem menos que o tema do filme *O Padrinho*, mas muito melhorado por Marco Paulo, mormente ao nível da lírica: "*Fala baixinho, só nós dois/Do bem que existe em tanto amor.*"

Foi isto gravado no ano de 1973, mesmo na recta final do regime do Estado Novo. À conta deste, contudo, Marco ainda faria a tropa, e com colocação no pior dos teatros, Guiné-Bissau. Deu entrada em Beja com uma valente dor de dentes, adaptou-se aos ritmos castrenses, não se eximiu às tarefas menores, fez a faxina à parada, enquanto os altifalantes do quartel transmitiam os seus sucessos. Após 90 dias de recruta, seguiu para Leiria, onde tirou o curso de escritório, seguindo depois para Estremoz (Cavalaria) e dali para Bissau. "Eu fiz tudo para não ir. Rezei muito. Mas não resultou em nada", diz, acrescentando o essencial: "Fiz por encarar o serviço militar com a maior naturalidade possível." Eis o segredo de Marco: fazer das fraquezas forças, sorrir às adversidades. Um *mindset* que não está ao alcance de todos e é por isso que Marco só há um, mais nenhum, maior do que o de Roma, e que ademais é Paulo e nosso.

"Na Guiné nunca tive de premir um gatilho, nem nunca andei com uma arma", diz ele, recordando, no entanto, que, numa brincadeira muito estúpida, um camarada disparou sobre ele, com a bala a rasar ou raspar a cabeça, deixando sequelas que perduram até hoje. Além do trabalho de escriturário, os 18 meses na Guiné foram passados a animar as messes de oficiais, festas de Natal ou Páscoa, hospitais de campanha. Mais do que morrer em combate, apavorava-o que a Valentim de Carvalho se esquecesse dele, o que não aconteceu: da metrópole, Mário Martins mandava-lhe as canções e as letras para que Marco as ensaiasse e, depois, as gravasse mais rapidamente quando viesse a casa. Terminado o serviço militar, retomou a carreira artística e as digressões pelo país e pelo estrangeiro.

O 25 de Abril apanhou-o no

Canadá, onde se encontrava em *tournée*. "No início ninguém percebeu bem o que estava a acontecer. Estava a confusão instalada", recorda, como recorda também que, no rescaldo da revolução, esteve um ano sem actuar em palco. À semelhança de outros, recorreu a um circuito alternativo – a que, aliás, já estava ligado, *v.g.* ao Circo Mariano –, o dos espectáculos circenses, tendo actuado no Circo Brasil, no Circo Mexicano e, claro, no Mariano, onde, com a indumentária da praxe – fato branco, calças à boca de sino, botas brancas – chegou a actuar três vezes na jaula dos leões, com as salas esgotadas por espectadores que, diz ele, estavam ansiosos por verem-no ser devorado vivo.

Em 1978, conquistou o seu primeiro disco de ouro com o single *Canção Proibida/Ninguém Ninguém*, 85 mil cópias vendidas (*"Ninguém, ninguém/Poderá mudar o mundo/Ninguém, ninguém/É mais forte que o amor"*). No ano seguinte, novo disco de ouro com *Mulher Sentimental* e, em 1980, o grande estrondo e arraso, *Eu Tenho Dois Amores*, versão de *Petra*, do grego Giorgos Hatzinasios, com 195 mil discos vendidos. A seguir, uma cornucópia de sucessos, como *Mais e Mais Amor* (1981), *Anita* (*"É linda de blue-jeans e blusão de cetim"*, versão de outro sucesso de outro grego, Costa Cordalis), *Morena Morenita* (*"Morena, oh morenita/Cada dia tu estás/Sempre mais bonita"*), *Só Falei Para Dizer Que te Amo, Joana, Sempre Que Brilha o Sol, Taras e Manias* (*"Uma lady na mesa/Uma louca na cama"*, obviamente proibido na Rádio Renascença).

Para termos uma ideia da coisa, nada como a estatística: Marco Paulo arrecadou até hoje 140 discos de platina, ouro e prata e até um disco de platina e já vendeu mais de cinco milhões de discos, o que significa que um em cada dois portugueses tem um disco de Marco Paulo em casa. Números um pouco longe de Amália Rodrigues (30 milhões), Roberto Leal (entre 15 e 25 milhões), Linda de Suza (8 milhões) e Jorge Ferreira (6 milhões), mas ainda assim assaz expressivos, para não dizer fantásticos.

Os números, todavia, não dizem tudo. E o que falta dizer, pois ainda nem foi estudado, é o papel histórico extraordinário, absolutamente extraordinário, que Marco Paulo e outros como ele tiveram para a reconstrução e a reconciliação nacional de meados/finais dos anos 70, princípios dos anos 80, passados que foram os tempos em que o país esteve dividido ao meio, com fronteira em Rio Maior e uma guerra civil no horizonte. Depois, foi necessário serenar os ânimos, fazer as pazes, congraçar irmãos desavindos, tarefa que só em parte competiu aos políticos e aos partidos, e que em larga medida foi desempenhada por coisas como a cultura popular de massas, eventos desportivos, novos padrões e hábitos de consumo. Quanto ao papel exercido por Marco Paulo, um artista que sempre se mostrou distante da política e equidistante de esquerdas e de direitas, bastará lembrar que, no ano escaldante de 1975, com o país mergulhado no PREC, lançou um disco intitulado *O Mais Feliz do Mundo*. A sua transbordante *joie de vivre*, o seu espírito luminoso, solar, o seu romantismo exacerbado, a sua aura de bom rapaz, de genro com que toda a mãe sonhava, foram e são elementos que irradiam o bem e a concórdia, o amor ao mundo e aos outros. Os que desdenham o seu "pirosismo" e o seu ar delicodoce, os que o confundem com o estilo "pimba" que lhe sucedeu, prenhe de brejeiradas e abomináveis alarvidades, deveriam fazer a pergunta crucial, a mais crucial de todas: ficou o mundo melhor ou pior à passagem de João Simão?

Repare-se que até os seus dois principais ademanes – o microfone a bailar de mão em mão e os fartos caracolinhos – surgiram espontaneamente, naturalmente, não por um plano orquestrado ou por uma imposição do *marketing*. Quanto ao microfone, Marco diz que "aconteceu", sem mais, que costumou a adoptá-lo para se distrair do enfado de cantar *Eu Tenho Dois Amores*, música que não aprecia particularmente, e que o público apreciava o número do microfone, sempre na mira, mui portuguesa, de o ver deixá-lo cair ao chão, o que garante só ter sucedido em duas ocasiões: uma em Viseu, na Feira de São Mateus, e a outro no Rio, no programa de Flávio Cavalcanti, em directo para milhões de espectadores. Já os caracolitos, que nos tempos áureos chegaram a atingir as dimensões de um farto enxame de abelhas



Os que desdenham o seu "pirosismo" e o seu ar delicodoce, os que o confundem com o estilo "pimba" que lhe sucedeu, prenhe de brejeiradas e abomináveis alarvidades, deveriam fazer a pergunta crucial, a mais crucial de todas: ficou o mundo melhor ou pior à passagem de João Simão?

assassinas, fazendo-o parecer um ursito de peluche, assevera que surgiram por acaso: quando estava a fazer espectáculos no Porto e vivia em Gaia, um dia precisou de sair às pressas de casa, indo para a rua de cabelo molhado, que depois, por um suave milagre, revolteou, encarapinhou, caracolou, ensandeceu até ficar naquela forma que todos lhe conhecemos, umas vezes em bola, como um globo piloso, outras em juba ferina, artisticamente revirada na nuca.

Durante doze anos, sensivelmente de 1980 a 1992, Marco Paulo viveu a um ritmo frenético, com mais de 30 espectáculos por mês, e tomava comprimidos para se manter acordado. De um profissionalismo extremo, nunca recusou ou desmarcou um espectáculo, a que comparecia sempre à hora marcada, pontualíssimo, mas nem isso o impediu de ser alvo de burlas e cheques carecas, até porque odiava tratar de questões de dinheiro. Ao princípio, andava num Ford Capri, depois num Citröen XM, a seguir numa Datsun Urvan, igual à que vitimou Carlos Paião, mas, no início dos anos 1990, teve de passar a deslocar-se num camião Iveco de sete toneladas, tal era a pujança dos seus espectáculos, seguidos por milhares de fãs, algumas das quais disputaram a água em que se banhara num hotel do Porto e foram responsáveis pela explosão onomástica de Marcos e de Marcos Antónios das décadas de 80 e 90. Com as suas admiradoras, manteve uma tradição bem linda, materializada num almoço anual de convívio num restaurante para os lados de Fátima.

Ao longo de uma vastíssima carreira, já objecto de várias biografias, séries televisivas e um sem-fim de homenagens, Marco Paulo actuou em muita espelunca, até por cima de caravanas de bifanas (uma vez, na Madeira, o palco rachou, e ele caiu e magoou-se), mas também nos maiores palcos nacionais, os Coliseus de Lisboa e Porto, Campo Pequeno, Altice Arena, e até num avião, a 30 mil pés de altitude! Em 2004, no Santuário de Fátima, cantou para 100 mil peregrinos, espera-se que poupados à letra de *Taras e Manias*. E note-se que foi honrado por dois Marcelos, de dois regimes distintos: em finais dos anos 70, Caetano chegou a subir ao palco, no final de uma actuação sua no Rio de Janeiro, para lhe entregar uma medalha especialmente cunhada para a ocasião; e, em 2022, Rebelo de Sousa fê-lo comendador da Ordem do Infante.

Solteiro e sem descendência, mas com um afilhado muito querido, o Marco António ("o filho que nunca tive"), Marco Paulo vive numa quinta perto de Sintra, rodeado de vários cães (já teve uma Zuca, uma Rita, um Eusébio, um Simão, com o seu nome, e até um Goucha) e um zoo de aves canoras, como ele – periquitos, canários, galinhas e galos, um papagaio. Adora Lisboa, Nova Iorque e os países tropicais, não gosta do Inverno, mas não é fã de praia, até por questões de privacidade. Passa horas a ver TV, fazendo *zapping*, e é um desastre na cozinha; em matéria alimentar, aprecia feijoada, cozido à portuguesa no tempo frio, comida alentejana de toda a espécie (ainda hoje recorda com saudade as favas de sua mãe), regada com tinto do bom, e agora adora *sushi*. Além de cantor, gaba-se de ser um talentoso contador de anedotas. Garante nunca ter feito uma permanente ao cabelo nem operações plásticas ao rosto e, em matéria religiosa, diz-se cristão, quiçá católico (os pais eram protestantes e a irmã Fátima, falecida em 2015, era testemunha de Jeová). De política, futebol e amores, pouco fala. De sexo, menos ainda. Mas sobre a realidade de nossos dias, deixou observações sagazes: "Eu gosto de viver, mas não gosto da forma como o mundo é governado. A desigualdade que existe é uma coisa que me perturba muito. Gosto de acordar de manhã e festejar a vida, a Primavera, o Outono, o Verão ou o Inverno, mas apenas porque isso faz parte da natureza. O que o homem faz com o mundo não me agrada."

Que Me Importa Morrer, assim se intitula uma das suas canções mais velhinhas, saída em 1971. De facto, para quem tanto viveu e nos deu, de pouco importará morrer, mesmo que lhe importe, é claro, continuar a viver. A nós, porém, importa-nos muito que morra, pois João Simão da Silva, a quem chamam Marco Paulo, não tem um, nem dois, nem três ou mesmo mil, mas dez milhões de amores – os nossos.

P.S. Com este texto sobre Marco Paulo, termina hoje a série "Prova de Vida", para merecido descanso dos leitores, e meu. Agradeço as extraordinárias ilustrações do Vítor Higgs e o interesse dos que acompanharam os 61 capítulos desta saga, que procurou ser um retrato a sépia, com laivos nostálgicos, do Portugal contemporâneo nas suas grandezas e misérias e, em simultâneo, uma meditação despretensiosa sobre o efémero da vida e, logo, sobre a fatuidade da vaidade e da ganância. Ao fim de 61 crónicas, que descrevem outras tantas existências terrenas, gostaria de ter mostrado que, pese as tremendas injustiças deste país e do mundo, o bem triunfa sempre (quanto mais não seja, porque os maus da fita estão condenados a conviver *ad aeternum* com eles próprios, ou, como já dizia Séneca, *podes fugir dos outros, mas não de ti mesmo*). Por fim, mas não por último: aos que magoei sem razão, as minhas maiores desculpas.

**Prova de vida (61) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.


Diario de Noticias

CARTA DA HOLANDA

Haia, a cupula da Liga das Nações

Abertura da caça

O ANIVERSARIO DA RAINHA GUILHERMINA

O ULTIMO CICLONE

AS AVERIGUAÇÕES

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA

A ASSEMBLEIA DA LIGA DAS NAÇÕES

O INCENDIO DE ONTEM EM CAMPOLIDE

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 1 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

CARTA DA HOLANDA

Haia, a cupula da Liga das Nações

Portugal não tem representação, quer no Tribunal Permanente de Arbitragem, quer no Tribunal Permanente de Justiça Internacional

Na lista dos ouvintes da Academia de Direito Internacional tambem não figura qualquer português

(Do nosso correspondente particular)

O ANIVERSARIO DA RAINHA GUILHERMINA

Passou ontem o aniversario natalicio de S. M. a rainha Guilhermina de Holanda, a excelsa soberana que em vinte e seis anos de reinado tem desenvolvido a maior firmeza e o maior tacto politico, demonstrando possuir os melhores dotes de espirito e de coração que a tornaram o idolo do povo neerlandês.

Rainha Guilhermina da Holanda

O ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. Vitorino Godinho, mandou um dos seus secretarios á legação daquele país em Lisboa deixar cartões de felicitação. Pelo mesmo motivo tambem ali deixou cartões o Secretario Geral do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, sr. dr. Gonçalves Teixeira.

Abertura da caça

1.º de Setembro

Hoje é um dia soléne para os devotos de Santo Humberto, dia de abertura da caça, dia de tiroteio desenfreado por esses campos fóra. Mais do que nos anos findos, já ha dois dias começára o exodo enorme dos nossos caçadores, tomando de assalto os comboios para o norte e sul.

A Tapada de Mafra, sempre tão cobiçada para os amadores deste util «sport» do ar livre, este ano reserva-lhes uma surpreza, quiçá desagradavel—só ali se caçará por meio de uma especial inscrição, para assim atender com justiça pedidos sem atenções por empenhos. E quem uma vez lá caçou neste periodo venatório só para o outro poderá repetir a regalia.

Tremam as lebres, os coelhos, as perdizes, as galinholas! Acabou-se-lhes a época feliz do defezo, em que só corriam o risco da caça furtiva a laço ou armadilha, reduzidas ao silencio as bocas das espingardas, entorpecidas as pernas dos podengos e perdigueiros. O tempo magnifico estava de molde a tentar excursões venatorias como aperitivo excelente para opiparas jantaradas á sombra das carvalheiras, perto da fonte suspirosa ou do regato cantador onde se mergulha a borracha do vinho a refrescar.

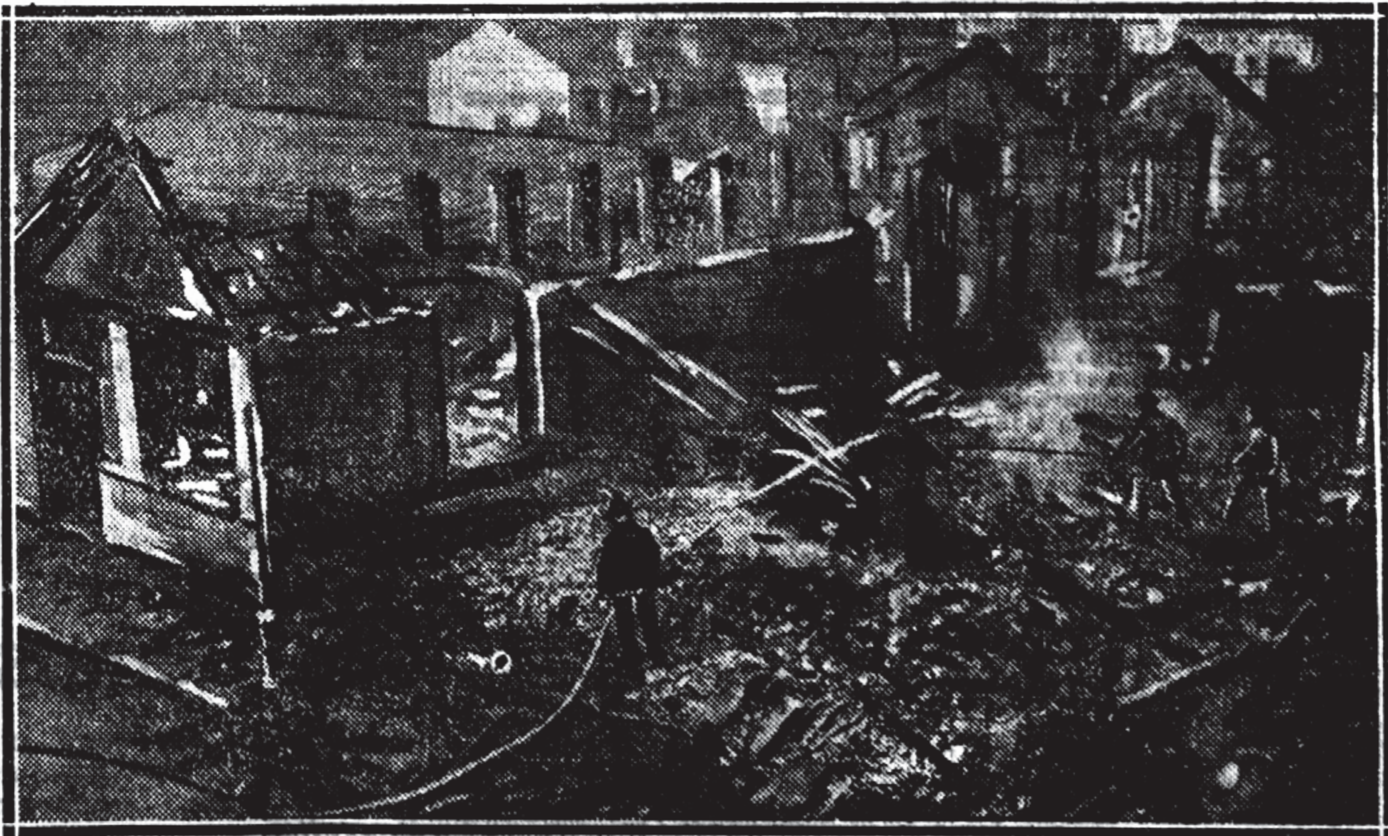
Boa sorte, caçadores!

E que não vos suceda como áquele vosso companheiro dos versos de João de Deus, que em lugar de caçar foi caçado pelos olhos garços de uma linda lavadeira.

Diario de Noticias

O INCENDIO DE ONTEM EM CAMPOLIDE

Dois barracões de uma fabrica de ceramica destruidos



Os bombeiros trabalhando no rescaldo do incendio que ontem destruiu grande parte da fabrica de ceramica da rua Soares dos Reis, a Campolide

Pelas 11 horas de ontem um violento incendio destruiu dois dos três barracões de tejolo da fabrica de ceramica da rua Soares dos Reis, 5 e 7, a Campolide, e deixou o terceiro muito danificado. O vento e a falta de pressão da agua da Companhia, sendo preciso ir buscá-la a grande distancia com a auto-bomba, e ainda a ausencia de pessoal na fabrica, dificultaram o ataque ao incendio, que se supõe ter sido ocasionado por faulha da chaminé do forno, que estava em laboração, ou ainda por curto-circuito.

Para o local avançou grande quantidade de pessoal e material dos quarteis 1, 2, 4, 5, 7 e estação 21, voluntarios de Lisboa, Ajuda, Lisbonenses e Campo de Ourique, estabelecendo-se o ataque com 6 agulhetas de auto-bomba tanque e Flaud.

A fabrica estava segura nas companhias Tagus e Fidelidade, mas o seguro não cobre os prejuizos, que são avultados.

Compareceu no local policia e guarda republicana para manter a ordem.

totoloto SORTEIO: 070/2024
CHAVE: 4-5-13-32-34 + 9
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Chega e PS "farão tudo para que Orçamento passe"

PCP Paulo Raimundo considera que tanto os socialistas como o partido de Ventura estão a encenar uma novela ao ameaçar votar contra o OE2025.

O secretário-geral do PCP acusou ontem Chega e PS de fazerem uma "novela" sobre o próximo Orçamento do Estado, quando "farão tudo" para que o documento passe por alegadamente corresponder aos seus interesses.

Questionado sobre as recentes declarações do PS e do Chega, pondo-se de parte da aprovação do próximo Orçamento, Paulo Raimundo considerou que estes partidos "farão tudo para que o Orçamento passe", mas que lhes "convém que não seja uma passadeira vermelha, que haja aqui uma certa novela, uns gritos, uns empurrões e tal".

À margem de uma visita ao Hospital Garcia de Orta, Almada, o líder do PCP criticou a atenção dada a estas negociações, apontando que não foi dado a conhecer ainda nenhum detalhe sobre o conteúdo do Orçamento do Estado para 2025.

"Uns saem, outros entram, outros enchem o peito, outros mandam cartas, outros escrevem respostas, outros dizem que vão sair de coisas onde nunca estiveram... É uma novela. E pronto, nós entretemo-nos com a novela", atirou Raimundo.

Para o secretário-geral do PCP, o país terá "um Orçamento no seguimento do programa e das opções do Governo", que, alegou, responderá aos interesses dos grupos privados de Saúde, da grande distribuição e da banca e não aos interesses de quem trabalha.

O secretário-geral do PCP acusou ainda o Executivo de acelerar o desmantelamento do Serviço Nacional de Saúde (SNS), tornando "mais difícil a vida dos utentes", propositadamente para entregar serviços ao privado.

Paulo Raimundo afirmou que o Governo pretende acelerar "o desmantelamento do SNS", ao "fatiar as peças" do mesmo "e entregar partes daquilo que é a resposta do SNS ao setor privado". "Do ponto de vista do Governo, não está a falhar nada. Está tudo certo. Não há médicos, não há Urgências de Obstetrícia abertas, não há Urgências de Pediatria abertas, não há Urgências Geral abertas, não há nenhum problema", atirou o líder do PCP. **DN/LUSA**

Miguel Oliveira 5.º na corrida *sprint* em Aragão

O piloto português Miguel Oliveira (Aprilia) foi ontem 5.º classificado na corrida *sprint* do Grande Prémio de Aragão, 12.ª ronda da temporada do Campeonato de MotoGP, numa prova ganha pelo espanhol Marc Márquez (Ducati). Oliveira, que largou da 8.ª posição da grelha, cortou a meta a 11,749 segundos do vencedor, com o espanhol Jorge Martín (Ducati) em 2.º, e Pedro Acosta (GasGas) em 3.º. Miguel Oliveira parte hoje em 8.º para a corrida principal.



EPA / JAVIER CEBOLLADA

BREVES

Ataque do 7 de Outubro envolveu 6000 palestinianos

Um novo relatório das Forças Armadas de Israel estima em 6000 o número de palestinianos que entraram em território israelita no ataque do 7 de Outubro, dos quais 3800 eram milicianos treinados e armados. Segundo o canal israelita de TV Channel 12, que cita dados oficiais, estes dados significam que o número de habitantes de Gaza que entraram em Israel foi o dobro do que tinha sido divulgado até agora. Estas fontes indicam ainda que a fronteira foi penetrada em 119 pontos, o dobro dos 60 registados até agora. Paralelamente, cerca de 1000 milicianos dispararam foguetes contra Israel a partir do território de Gaza nesse dia, elevando para 7000o número total de palestinianos envolvidos no ataque. Cerca de 5000 foguetes foram disparados de Gaza nesse dia, dos quais cerca de 3000l nas primeiras horas da ofensiva. Estes números foram transmitidos ao chefe do Estado-Maior israelita, Herzi Halevi, segundo a estação televisiva. Um porta-voz militar esclareceu que a investigação operacional sobre o ataque ainda não está concluída e que quando terminar, será tornada pública.

França Insubmissa quer destituir Macron

O partido de extrema-esquerda França Insubmissa (LFI) apresentou uma proposta de destituição do presidente Emmanuel Macron, a quem acusa de "grave falha" no seu "dever" pela recusa em nomear Lucie Castets primeira-ministra após indicação da coligação Nova Frente Popular, que inclui a LFI, comunistas, socialistas e verdes. "A Assembleia e o Senado podem e devem defender a democracia contra a tentação autoritária do presidente da República, que não sabemos onde vai parar", indicaram os deputados da LFI na sua proposta de resolução. Macron rejeitou Castets alegando a importância da "estabilidade institucional", uma vez que os partidos à direita ameaçaram um Governo com a presença da LFI com moções de censura. A destituição do chefe de Estado exigia a concordância de dois terços da Assembleia Nacional e do Senado, pelo que a iniciativa estará condenada ao insucesso. O PS já tinha descartado apoiar o processo de destituição. Segundo Olivier Faure, líder socialista, a resposta a uma nomeação desajustada faz-se através de uma moção de censura.




Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



56745
5 605290 023026